

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**OS LAÇOS FAMILIARES NA SOCIEDADE HEBRAICA ANTIGA: Da chegada à  
Palestina ao exílio para a Babilônia (1.200 a.C. – 587 a.C.)**

**Lindemberg Irineu Silva**

**NATAL / RN**

**2005**

**LINDEMBERG IRINEU SILVA**

**OS LAÇOS FAMILIARES NA SOCIEDADE HEBARICA ANTIGA: Da chegada a  
Palestina ao exílio para a Babilônia (1.200 a.C. - 587 a.C.)**

Monografia apresentada à disciplina  
Pesquisa Histórica II, que foi orientada pelo  
Professor Roberto Airon Silva, do curso de  
História da Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte.

**NATAL / RN**

**2005**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>02</b>
<b>1 A SOCIEDADE HEBRAICA ANTIGA: DA ÉPOCA DOS JUÍZES À MONARQUIA .....</b>	<b>05</b>
<b>2 OS SIGNIFICADOS, AS CARACTERÍSTICAS E A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS FAMILIARES NA SOCIEDADE HEBRAICA ANTIGA.....</b>	<b>15</b>
2.1 O desejo e a importância de ter muitos filhos.....	16
2.2 A herança.....	24
2.3 Casamentos mistos em Israel.....	29
2.4 O contrato pré-nupcial.....	31
2.5 O papel dos conjugues na família patriarcal hebraica.....	36
2.6 A poligamia na família hebraica.....	41
2.7 O adultério.....	45
2.8 O divórcio.....	47
2.9 As viúvas na sociedade hebraica antiga.....	49
2.10 A importância dada aos anciões.....	51
<b>3 AS SINGULARIDADES, INFLUÊNCIAS E SEMELHANÇAS DOS LAÇOS FAMILIARES HEBRAICOS COM RELAÇÃO AOS POVOS DO ORIENTE PRÓXIMO ANTIGO.....</b>	<b>56</b>
3.1 A primogenitura.....	58
3.2 A família patriarcal.....	59
3.3 Casamentos ilícitos para os hebreus.....	60
3.4 Os escravos na família hebraica.....	62
3.5 A circuncisão.....	68
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>77</b>

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho se denomina de: os laços familiares na sociedade hebraica antiga, e abrange o período de tempo que vai de 1.200 a.C. a 587 a.C., ou seja, da chegada do povo hebreu à Palestina ao exílio deste povo para a Babilônia.

O motivo que me levou a trabalhar esse tema foi, em primeiro lugar, o fato de sempre ter tido uma afinidade com a história dos hebreus, sendo sempre um assíduo estudante da mesma.

Em segundo lugar, a convicção da importância do papel familiar, quando esta é bem estruturada, para o equilíbrio e formação do indivíduo na sociedade a qual estamos inseridos.

Esses dois fatores despertaram meu interesse em abordar um tema que sei ter sido de grande relevância para um povo da antiguidade, os hebreus, o qual muito admiro.

O tema proposto trás uma abordagem crítica a respeito dos costumes e tradições dos antigos hebreus, no que tange aos laços familiares, haja vista termos percebido uma escassez na produção historiográfica a respeito do tema, pois os historiadores têm se preocupado quase que exclusivamente, com a história política e econômica dos hebreus, destinando pouquíssimas reflexões sobre a vida cotidiana desse referido povo. Os estudos que tratam, especificamente do tema proposto são, em sua maioria, de cunho teológico e por isso são carentes de uma maior criticidade, embora possuam a importância de trazer-nos informações sobre o assunto.

Desta maneira, podemos dizer que o proposto tema possui, academicamente, a importância de vir a ajudar a suprir as necessidades de pesquisas nessa área. Por outro lado julgamos esta pesquisa também importante do ponto de vista histórico, por procurar

analisar comportamentos sociais que achamos possuir relações com as origens de tradições no universo familiar, no mundo cristão ocidental moderno.

O nosso objetivo nesse trabalho não foi simplesmente, descrever os aspectos presentes na família hebréia, mas sim procurar compreender as singularidades, os significados, as permanências e evoluções dos costumes familiares presentes entre os hebreus no período proposto. Procuraremos ainda entender de que maneira os laços familiares eram essências para a subsistência e prosperidade da nação de Israel. Além disso, analisaremos as influências sofridas por esse povo pelo contato com as demais nações que estavam na mesma região que os hebreus, e, de que maneira esse povo adaptou alguns desses costumes de acordo com suas necessidades.

Esta pesquisa foi feita através de uma análise bibliográfica, devido às fontes disponíveis consistirem em trabalhos publicados. Desta forma, buscamos analisar, em primeiro lugar, a bibliografia referente a história do cotidiano, para assim darmos um embasamento teórico para a pesquisa. Depois buscamos bibliografia sobre a antiguidade oriental, principalmente a história judaica, e assim pesquisamos sobre os laços familiares hebreus e sua relação de semelhanças e singularidades com os povos que lhes eram circunvizinhos. Buscamos ainda informações em fontes bibliográficas que nos serviram de base de dados para a análise de diversos aspectos da família hebraica, além das singularidades e semelhanças destes aspectos em relação a outros povos do Oriente Próximo Antigo.

No primeiro capítulo, deste trabalho, falamos um pouco sobre a linha de pesquisa utilizada, "a História do Cotidiano" abordando idéias como as de Jacques Le Goff e a Escola dos Annales. Buscamos ainda mostrar algumas idéias e conceitos de família. Por

fim procuramos mostrar um breve panorama geral da história política e da sociedade hebraica, para entendermos como a mesma estava estruturada.

No segundo capítulo, analisamos os significados e a importância dos vários aspectos presentes na família hebraica, como: o desejo de ter muitos filhos, a questão da herança, a proibição dos casamentos mistos, o contrato pré-nupcial, o papel de cada conjugue, a poligamia, o adultério, o divórcio, a situação das viúvas e a importância dada aos anciões.

Finalmente, no terceiro capítulo, analisamos as singularidades e as semelhanças dos costumes referentes a família hebréia em relação às demais nações vizinhas de Israel, dando destaque aos aspectos como: a primogenitura, a família patriarcal, os casamentos ilícitos, os escravos na família hebréia e a circuncisão. Neste capítulo vimos que muitos desses costumes praticados pelos hebreus foram absorvidos das nações estrangeiras e adaptados as necessidades e crenças dos hebreus.

## 1 A SOCIEDADE HEBRAICA ANTIGA: DA ÉPOCA DOS JUÍZES À MONARQUIA

O presente trabalho segue, majoritariamente, a linha de pesquisa denominada de história do cotidiano. Isso advém do fato que, segundo *Ciro Flamarion Cardoso* e *Ronaldo Vainfas*, o termo “vida cotidiana” remete de imediato, dentre outras coisas, as atividades ligadas à manutenção dos laços sociais e o trabalho doméstico<sup>1</sup>. Isto está estritamente ligado ao tema proposto por esta pesquisa. Também é interessante ressaltar que esta linha de trabalho na pesquisa histórica está cada vez mais valorizada e utilizada pela historiografia contemporânea e busca explicar, através das práticas e costumes, o processo histórico.

*Lucien Febvre* defende a idéia de uma nova redemocratização da história aonde os humildes tenham sua importância reconhecida. Essa idéia encontra aplicação prática na história do cotidiano.

Já *Fernand Braudel*, em um artigo datado de 1958 e publicado nos *Annales* sobre “a longa duração” insistia na importância dos códigos alimentares e do vestuário, como mais determinantes na vida dos grupos sociais do que as instituições políticas ou regras jurídicas e administrativas. Ele insistia ainda para que se fizesse do cotidiano uma história problema e não uma história descritiva. Desta maneira a cultura material a ser estudada deve ser aquela das majorias e que a vida cotidiana e a econômica são estreitamente ligadas<sup>2</sup>.

*Jacques Le Goff* define que a história do cotidiano se situaria no cruzamento de alguns novos interesses da história. Desta maneira através da arqueologia o historiador se

---

<sup>1</sup> CARDOSO, *Ciro Flamarion*; VAINFAS, *Ronaldo*. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 5ª ed. pp 259-260.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 262.

veria compelido a estudar a cultura material e os vestígios de práticas capazes de lhe explicar a vida diária das populações, além disso, no entender de Le Goff, o cotidiano só tem valor histórico e científico no interior de uma análise de sistemas históricos que contribuam para explicar o seu funcionamento, ou seja, o cotidiano deve explicar o processo histórico<sup>3</sup>.

Finalmente para os historiadores ligados a escola dos Annales, a qual Jacques Le Goff faz parte, o cotidiano e a vida privada são essencialmente uma maneira diferente e inovadora de abordar a história econômica e social. Para o grupo dos annalistas, a história do cotidiano deve fazer-se através do estudo habitual, ligados na análise dos equilíbrios econômicos e sociais, que estão na base das decisões, e aos conflitos políticos e não através de uma simples descrição do cenário de uma época<sup>4</sup>.

A corrente teórica que procuramos seguir neste trabalho será a escola dos Annales, sendo ainda utilizadas as idéias e os conceitos que o historiador Jacques Le Goff nos oferece sobre a história da vida cotidiana. Desta maneira, procuraremos, nesta pesquisa, não nos determos apenas em descrever os costumes relacionados à família hebraica, mas sim identificarmos os significados destes costumes e sua importância para o desenvolvimento e subsistência da nação de Israel.

A família era uma instituição de grande importância para os hebreus, entretanto antes de entrarmos mais profundamente neste aspecto, o que será feito nos capítulos vindouros, é importante, primeiro, entendermos o real conceito de "família". De acordo com Cardoso e Vainfas, no vocabulário erudito ocidental, o termo num sentido restrito está

---

<sup>3</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. pp 261-262.

<sup>4</sup> Idem. p. 266.

ligado às relações biológicas com ênfase no trinômio pai, mãe e filhos, e todos vinculados à coabitação.

Já nos dicionários antigos, há uma certa homogeneidade de significados, e a primazia da coabitação predominava sobre todas as outras relações, inclusive as consangüíneas. Assim, a família englobava todos que eram “gente da casa”, podendo ser criados ou parentes de todos os níveis<sup>5</sup>.

No decorrer deste trabalho poderemos observar que o conceito de família para os hebreus está em sintonia com os dicionários da antiguidade. Com isso não queremos dizer que os povos da antiguidade e em particular os hebreus não valorizavam a ligação consangüínea de parentesco, e sim, que o conceito de família na antiguidade era mais amplo do que o que conhecemos contemporaneamente.

Para o professor Maurício Knobel<sup>6</sup>, a família é um dos grupos primários e naturais de nossa sociedade, nos quais o ser humano consegue se desenvolver. Para Knobel, é na orientação familiar que o indivíduo adquire sua personalidade, determinando-se aí as características sociais, éticas, morais e cívicas, essenciais para a vida em sociedade.

Analisadas pois as idéias e conceitos referentes à vida cotidiana e familiar, vejamos agora um panorama geral da sociedade hebraica no corte temporal proposto pela pesquisa (1.200 a.C. a 587 a.C.), para entendermos melhor como a mesma estava estruturada.

A história dos hebreus na antiguidade geralmente é dividida em três grandes períodos: O governo dos patriarcas, o governo dos juízes e a monarquia. Merecendo também destaque no processo histórico hebraico o Cisma (fragmentação da monarquia), as invasões estrangeiras sofridas por esse povo e a Diáspora em 70 d.C. Entretanto,

---

<sup>5</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. p.242.

<sup>6</sup> KNOBEL, Maurício. Orientação familiar. 2ªed. Campinas: Papyrus, 1996. p.19.

analisaremos aqui apenas o período que abrange a chegada do povo hebreu a Palestina em 1.200 a.C., até o exílio em 587 a.C. para a Babilônia, ou seja, a época dos juízes e da monarquia, período esse em que os judeus, apesar das constantes invasões estrangeiras, gozavam de soberania política e de um território próprio. Analisemos pois, brevemente, a história dos hebreus durante o corte temporal proposto.

A conquista de Canaã iniciou-se sob a direção de Josué e foi continuada pelos juízes. Josué na verdade havia sido o braço direito de Moisés durante a peregrinação dos israelitas, quando estes atravessaram o deserto rumo à terra prometida. O próprio Moisés havia indicado Josué como seu sucessor na liderança do povo, como vemos no livro bíblico de Deuteronômio:

E Josué, filho de Num, foi cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés tinha posto sobre ele suas mãos; assim, os filhos de Israel lhe deram ouvidos e fizeram como o SENHOR ordenara a Moisés.<sup>7</sup>

Segundo Claudionor de Andrade, a guerra de conquista exercida por Josué à frente do povo hebreu durou quatorze anos<sup>8</sup>. De acordo com os fatos narrados no livro bíblico de Josué, os exércitos de Israel sob o comando do mesmo eram praticamente imbatíveis:

Assim, Josué tomou toda aquela terra, as montanhas e todo o sul, e toda a terra de Gosen, e as planícies e as campinas, e as montanhas de Israel, e as suas planícies; e desde o monte Calvo, que

---

<sup>7</sup> DEUTERONÔMIO 34.9.

<sup>8</sup> ANDRADE, Claudionor de. Geografia bíblica. Rio de Janeiro, CPAD, 2001. p. 190.

sobe a Seir, até Baal-Gade, no vale do Líbano, às raízes do monte de Hermom; também tomou todos os seus reis, e os feriu, e os matou<sup>9</sup>.

Após a morte de Josué, os israelitas careceram de uma unidade política, sendo o território conquistado e dividido entre as doze tribos, que eram ligadas apenas pela religião, etnia e costumes. É nesse contexto de fracionamento que surgem os juízes. Que devido a sua autoridade religiosa conseguiam reunir parte da nação para combater os invasores externos, como vemos nesse relato bíblico em que Israel estava ocupada militarmente pelos Midianitas:

Então, o espírito do SENHOR revestiu a Gideão, o qual tocou a buzina, e os abicritas se ajuntaram após ele e enviou mensageiros por toda a tribo de Manasses, que também se convocou após ele; também enviou mensageiros a Aser, e a Zebulom, e a Naftali, e saíram-lhe ao encontro.<sup>10</sup>

O papel dos juízes era também defender o monoteísmo e combater a mistura dos hebreus com os povos considerados idolatras. Débora, Gideão, Gefté, Sansão e Samuel são alguns dos juízes mais conhecidos.

As constantes perturbações internas e invasões externas fizeram com que os hebreus adotassem a monarquia, sendo Saul o primeiro rei. Entretanto coube ao rei Davi, segundo monarca, vencer definitivamente os filisteus, grandes inimigos dos hebreus na época, e que haviam provocado a morte do rei Saul. Já o monarca Salomão, filho de Davi, desenvolveu o comércio e fez grandes construções, como o Palácio Real e o Templo de Jerusalém. O

---

<sup>9</sup> Josué, 11-16-17.

<sup>10</sup> Juízes 6. 34-35.

historiador William Culican afirma que a fraqueza das dinastias então reinantes no Egito e na Assíria favoreceram o fortalecimento do novo reino<sup>11</sup>.

Após a morte de Salomão, o reino foi dividido em dois: o reino de Judá, ao sul e o reino de Israel, ao norte. Essa divisão enfraqueceu os hebreus até que em 722 a.C. o reino do Israel foi conquistado pelos assírios, e grande parte da população foi escravizada e levada para outras regiões onde se dispersaram. Já o reino de Judá, mais coeso pela forte influência da religião subsistiu até 587 a.C., quando foram conquistados pelos babilônios.

Socialmente os hebreus eram divididos em doze tribos que subdividiam-se em famílias. Nestas predominavam a autoridade do pai da família. Essa divisão em tribos permaneceu também na época da monarquia, mesmo sob a direção comum do rei.

A tribo de Levi era responsável pelo ministério religioso, como cuidado do templo e dos louvores. Eram dessa tribo que geralmente saíam os sacerdotes. O clero levita era sustentado com o dízimo anual das rendas de cada israelita, pago em produtos agrícolas ou animais. Os sacerdotes, propriamente dito, usufruíam ainda de rendas especiais.

Outro elemento da sociedade hebraica era o escravo. Havia uma distinção entre os escravos hebreus e os escravos estrangeiros. Os primeiros eram geralmente respeitados e podiam ganhar a liberdade no ano do jubileu, comemorado a cada sete anos:

Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas, ao sétimo sairá forro, de graça.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> CULICAN, William. *O comércio marítimo*. Londres, Verbo, 1966. p. 73.

<sup>12</sup> Êxodo, 21.2.

Os escravos estrangeiros podiam casar-se, converte-se ao judaísmo, possuir bens e receber a liberdade em algumas circunstâncias. A lei garantia um dia de descanso para todos os escravos e empregados da casa:

Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro de tuas portas.<sup>13</sup>

O historiador Will Durant afirma que alguns escravos eram considerados como membros da família<sup>14</sup>.

Outra classe social era a dos estrangeiros, indivíduos que não possuíam os mesmos direitos dos cidadãos hebreus, todavia, de acordo com o historiador Mário Curtis Giordani, gozavam, quando criam na pobreza, da mesma proteção que tinham os judeus pobres, ou seja, não se podia tirar proveito da sua necessidade mediante a usura<sup>15</sup>.

Economicamente o povo hebreu, ao chegar à terra prometida, era formado basicamente por agricultores e pastores de rebanho, práticas essas que foram a base econômica durante toda a permanência desse povo na Palestina.

Entretanto no reino de Davi e de Salomão o comércio atingiu grande desenvolvimento. Como nos mostra Willian Culican:

Davi ocupou os antigos territórios aramaicos, estendendo-se ao norte para o Eufrates e para as fronteiras do reino de Hamat, cujo rei, Toi, parece ter-se tornado seu vassalo. Salomão foi capaz de

---

<sup>13</sup> Êxodo, 20.10.

<sup>14</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. 3ªed. Rio de Janeiro, 1963. p. 224.

<sup>15</sup> GIORDANI, Mário Curtis. História da antiguidade oriental. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 233.

manter, por muitos anos, este império setentrional, que deu a Israel o domínio das principais rotas de caravanas que se dirigiam para a costa, através da Síria, bem como das rotas da Transjordânia para a Arábia e Acaba.<sup>16</sup>

De acordo com Giordani, os fenícios eram grandes parceiros comerciais dos hebreus, que importavam dos fenícios, ouro, prata, madeira, marfim, etc. Os carros e os cavalos de guerra vinham do Egito e da Mesopotâmia. Ainda segundo Giordani, uma descoberta arqueológica recente encontrou antigas minas e oficinas de refinamento de cobre que provam um aperfeiçoamento e uma técnica muito avançada<sup>17</sup>. Giordani afirma que o Direito hebraico tinha um caráter civil, comercial e religioso. Na prática sofreu influência da religiosidade judaica e dos povos circunvizinhos. Dentre outras as coisas o Direito defendia a propriedade privada, a honra, a moral e o culto monoteísta a Iavé.

Dentre as penas impostas pelo Direito hebraico, estava a pena de morte, o apedrejamento, o açoite, a prisão e a excomunhão, além da internação e da restituição de bens acrescidas de indenização no caso de fraude ou furto. Cada pena era aplicada de acordo com o direito específico.

Durante o processo penal, os juízes eram incumbidos de grandes responsabilidades, devendo conhecer bem as leis. As penas mais graves deveriam, geralmente, ser aplicadas após um processo penal em que no mínimo duas testemunhas depusessem contra o acusado<sup>18</sup>.

A religião hebraica consistia no culto monoteísta ao Deus Iavé. A religiosidade influenciava todas as áreas da vida dos hebreus, tais como: a vida sexual, militar, moral,

<sup>16</sup> CULICAN, William. O comércio marítimo. p. 73.

<sup>17</sup> GIORDANI, Mário Curtis. História da antiguidade oriental. p. 233.

<sup>18</sup> Idem. p. 234-241.

jurídica e civil. Os sacrifícios oferecidos ao Deus de Israel consistiam na morte de animais e nunca de sacrifícios humanos, que eram até mesmo proibidos.

Os hebreus também observavam festas religiosas, tais como: a Páscoa (que lembrava a saída do povo do Egito), também chamada de Pães Asmos; a festa da Segra, também chamada de Pentecostes e a festa da colheita ou tabernáculos. Como vemos no relato bíblico do livro de Êxodo:

Três vezes no ano me celebrareis festa. A festa dos Pães Asmos (...) e a festa da Segra (...) e a festa da colheita...<sup>19</sup>.

O costume da circuncisão, como veremos no terceiro capítulo, foi escolhido como sinal de aliança entre Deus e o povo

Com relação a vida pós-túmulo, os hebreus, na época do juizado e da monarquia, parecem ter sido influenciados pelos povos mesopotâmicos, pois criam em uma vida eterna sombria e sem atrativos. O historiador Edward Mcnall Burns, chega até mesmo a afirmar a respeito da religião hebraica:

Nada oferecia além de recompensas materiais nesta vida, e nenhuma na vida futura<sup>20</sup>.

Merecem ainda destaque, na religião hebraica, os profetas que pregavam a lei e denunciavam injustiças por toda a nação. Notemos que a sociedade hebraica estava baseada em costumes, leis e instituições teocráticas. Veremos no próximo capítulo a força e a

---

<sup>19</sup> Êxodo, 23. 14-16.

<sup>20</sup> MCNALL, Edward Burns. História da civilização ocidental. 23. ed. Porto Alegre, Globo, 1979. p. 117.

importância do culto monoteísta a IAVÉ e de que maneira a religião influenciava no modo de vida e na estrutura familiar em Israel.

## 2 OS SIGNIFICADOS, AS CARACTERÍSTICAS E A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS FAMILIARES NA SOCIEDADE HEBRAICA ANTIGA

A instituição familiar ocupava um lugar de destaque para os hebreus na antiguidade. A relevância desta era tão grande que todos os aspectos da vida deste povo giravam em torno dos laços familiares ou eram por eles influenciados. Para o historiador Mario Curtis Giordani, a família era o núcleo da sociedade israelita<sup>21</sup>. E sem dúvida, ela era a base de sustentação e a força motriz que unia e animava um povo que sempre foi vítima de inúmeras hostilidades externas e perturbações internas, como fome, rebeliões e guerras civis.

A nossa argumentação recebe o respaldo do pesquisador Claudionor de Andrade, pois para o mesmo, a família era, em Israel, a base vital de toda a sociedade, sendo comparada como a pedra fundamental de todo o edifício, sendo ainda mais importante do que o próprio indivíduo<sup>22</sup>.

Para os hebreus, a família era uma instituição sagrada estabelecida pelo seu único Deus "Iavé", devendo assim ser protegida e respeitada. Segundo o historiador Will Durant, a família ocupava, na estrutura da sociedade hebraica, lugar logo abaixo do templo<sup>23</sup>. O templo era considerado o que os hebreus possuíam de mais sagrado, e daí temos uma idéia da importância e do respeito que os hebreus facultavam a família.

---

<sup>21</sup> GIORDANI, Mário Curtis. História da antiguidade oriental. p. 236.

<sup>22</sup> ANDRADE, Claudionor de. Geografia bíblica. p. 176.

<sup>23</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

O decálogo hebreu presente no livro de Êxodo, no seu quinto mandamento, afirma que o respeito e a honra dada aos líderes da família eram condições para uma vida longa e próspera<sup>24</sup>.

Fica, pois, difícil de imaginar que algum outro povo da antiguidade oriental tivesse dado tanta importância para a instituição familiar como deram os hebreus. Will Durant também compartilha com essa ideia, pois segundo ele, talvez nenhum outro povo do oriente tivesse a vida familiar em um nível tão alto como os hebreus<sup>25</sup>. E isso não era sem fundamentos, pois como já afirmamos, todos os aspectos da vida desse povo giravam em torno da instituição familiar.

Ao longo deste capítulo, procuraremos mostrar estes aspectos identificando e entendendo os significados, as características e a importância dos laços familiares para vários aspectos da vida cotidiana dos hebreus, como: a economia, a guerra, o equilíbrio interno, a manutenção das tradições, a coesão nacional e a própria religião.

### **2.1 O desejo e a importância de ter muitos filhos.**

Os hebreus davam enorme importância ao fato de ter muitos filhos, pois para eles o filho nascido era considerado como uma dádiva divina. Embora os pais preferissem ter filhos homens, as meninas também eram bem recebidas em Israel.

Os casais que não possuíam filhos, em especial as mulheres, passavam por grandes constrangimentos e humilhações, além de serem mal vistos na sociedade, uma vez que esterilidade era vista como uma maldição divina por um erro cometido no passado ou no

---

<sup>24</sup> Êxodo, 20. 12.

<sup>25</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

presente, ou mesmo pela simples vontade de Deus. Isto é visto claramente no relato bíblico do livro de I Samuel:

Porém a Ana dava uma parte excelente, porquanto ele amava Ana : porém o Senhor lhe tinha cerrado a madre.<sup>26</sup>

De acordo com esse relato, entendemos que para os hebreus a esterilidade era ocasionada por razões sobrenaturais.

Segundo os historiadores Merrill C. Tenney, J. I. Packer e William White Jr., a esposa sem filhos estava espiritualmente arruinada, socialmente desfavorecida e psicologicamente deprimida<sup>27</sup>. O casal então, principalmente o cônjuge feminino, passava a se dedicar a orações, rituais religiosos e comidas consideradas apropriadas para trazer a fertilidade. Como nos afirma ainda Tenney, Packer e White Jr.:

Nos tempos rabínicos as mulheres procuravam vencer a esterilidade mudando a dieta alimentar. Acreditava-se que maçãs e peixes tornavam a pessoa sexualmente forte para a procriação. Modernas escavações em Israel têm descoberto muitas figuras de fertilidade. Supõe-se que elas ajudassem a mulher a ficar grávida por mágica ou simpatias<sup>28</sup>.

Por outro lado, segundo Will Durant, a mãe de muitos filhos gozava de segurança e honra<sup>29</sup>: pois, como já foi dito, ter muitos filhos significava para aquele povo ser detentor

---

<sup>26</sup> I Samuel, 1.5.

<sup>27</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. São Paulo. Vida, 2001. p. 59.

<sup>28</sup> Idem, p. 60-61.

<sup>29</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

da benção divina. Will Durant afirma ainda que os hebreus olhavam todos os meios de limitar a população como coisa abominável<sup>30</sup>. Nesse sentido, o aborto era visto com tristeza e considerado crime quando provocado por terceiros, mesmo se fosse apenas por imprudência, como nos mostra o relato bíblico contido no livro de Êxodo:

Se alguns homens pelejarem, e ferirem uma mulher grávida, e forem causa de aborto, porém se não houver morte, certamente aquele que ferir será multado conforme o que lhe impuser o marido da mulher e pagará diante dos juízes<sup>31</sup>.

Dessa maneira, entendemos que as próprias leis que regiam os hebreus, defendiam a procriação. Mesmo assim, não concordamos com Will Durant, quando o mesmo afirma, categoricamente, que o celibato era condenado como crime e que o casamento era compulsório para todos os hebreus depois dos vinte anos<sup>32</sup>. Discordamos dessa afirmativa por não termos encontrado em nossa pesquisa, nas fontes primárias ou secundárias, uma única lei hebréia ou costume que apoiasse essa afirmativa, embora fosse natural que os jovens casassem. E se isso não acontecesse, não seriam punidos. Entendemos que Will Durant falha nesse ponto por fazer uma afirmativa sem cautela e no entanto não mostrar as fontes que lhe proporcionaram essa informação.

Ao analisarmos o desejo que o povo de Israel tinha em relação à procriação, surge-nos uma pergunta inevitável: qual o significado e qual a importância de ter muitos filhos nessa sociedade? Nesta pesquisa trabalhamos com quatro idéias.

---

<sup>30</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

<sup>31</sup> Êxodo, 21.22.

<sup>32</sup> DURANT, Will. Op. Cit. p. 224.

Em primeiro lugar, defendemos a idéia de que o fato de os hebreus incentivarem a natalidade, dando grande prestígio as mulheres que possuíam muitos filhos, refletia as constantes hostilidades externas exercidas por povos que eram mais numerosos que eles. Este, pois, seria um dos motivos dos mesmos se preocuparem em aumentar sua própria população, o que significaria mais soldados a serem recrutados para o exército de Israel. Isso também ajuda a explicar a preferência da família hebraica por filhos homens.

Temos observado em vários trechos bíblicos que quase sempre o exército hebraico se via em inferioridade numérica em relação aos exércitos inimigos. Vejamos esse exemplo contido no livro I de Reis :

E sucedeu que passando um ano, Ben-Hadade fez revista dos sírios e subiu a Afeca para pelear contra Israel. Também dos filhos de Israel se fez revista, e, providos de víveres, macharam contra eles; e os filhos de Israel acamparam-se defronte deles, como dois pequenos rebanhos de cabras; mas os sírios enchiam a terra<sup>33</sup>.

Neste relato, embora não tenhamos números reais, há uma superioridade numérica dos sírios em relação aos israelitas, pois o escritor bíblico afirma que os sírios “enchiam a terra” fazendo menção do grande contingente de soldados sírios.

É interessante também notar que mesmo quando o exército hebreu era considerado formidável, ainda assim era numericamente inferior aos invasores, como podemos ver nessa passagem do livro II de Crônicas referentes ao exército do rei judeu Asa:

---

<sup>33</sup> I Reis, 20.26-27.

Tinha pois Asa um exército de trezentos mil de Judá, que traziam pavês e lanças, e duzentos e oitenta mil de Benjamim, que traziam escudo e atiravam de arco; todos estes eram varões valentes. E Zerá, etíope, saiu contra eles, com um exército com um milhão de homens e trezentos carros e chegou até Marcasa. Então Asa saiu contra eles, e ordenaram a batalha no vale de Zefatá junto à Maresa. E Asa chamou ao senhor seu Deus e disse: Senhor nada para ti é ajudar, quer o poderoso quer o de nenhuma força; ajuda-nos pois Senhor, nosso Deus, porque em ti confiamos e no teu nome viemos contra esta multidão...<sup>34</sup>.

Embora o rei hebreu tivesse um forte exército, estava em desvantagem numérica nesta batalha contra os etíopes, tentando assim buscar forças no sobrenatural.

Essa idéia é também compartilhada por Will Durant, que afirma que o desejo em ter filhos advinha do fato da minúscula nação hebraica ansiar por crescer e multiplicar-se, percebendo o perigo da inferioridade numérica em relação aos povos vizinhos. Por isso era incentivada a maternidade<sup>35</sup>.

Concluimos que o desejo de ter filhos se reveste de uma importância militar essencial para a sobrevivência dos hebreus na antiguidade.

Em segundo lugar, entendemos que além da importância militar, a natalidade também era importante do ponto de vista econômico. Como já afirmamos no capítulo primeiro deste trabalho, os israelitas praticavam o extrativismo mineral, o beneficiamento destes minérios e o comércio. Mas era na agricultura e no pastoreio que estava a base da economia hebraica, e é inegável que estas atividades, principalmente a agricultura, exigia uma quantidade considerável de mão de obra.

---

<sup>34</sup> II Crônicas, 14. 8-11.

<sup>35</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

Essa abundância de mão de obra na agricultura significava uma maior possibilidade de fartura para a família, especialmente na época da ocupação da Palestina quando, segundo o relato bíblico faltavam pessoas para povoar toda a terra que seria conquistada:

E o Senhor teu Deus, lançará fora estas nações, pouco a pouco, de diante de ti: não poderás destruí-las todas de pronto, para que as feras do campo não se multipliquem contra ti<sup>36</sup>.

A lógica dessa passagem bíblica é que se os hebreus expulsassem todos os habitantes da Palestina de uma só vez, boa parte da terra ficaria despovoada, aumentando assim o habitat de animais selvagens.

Havia pois a necessidade de pessoas que povoassem a terra e trabalhassem na mesma. Ora, a lógica em uma sociedade rural arcaica, com terras disponíveis para o cultivo, era de quanto maior fosse a mão de obra maior seria a produção, pelo menos em condições normais, e esse era o caso da sociedade hebraica antiga.

Desta forma entendemos que para uma família hebraica obter prosperidade e prestígio econômico, era de grande relevância o fato de ela ser cada vez mais numerosa, o que poderia acontecer naturalmente com o aumento da natalidade. Podemos dizer que na época da monarquia o próprio estado se beneficiava com isso, na medida em que uma boa produção agrícola significava uma boa arrecadação através de impostos.

Em terceiro lugar, o fato de ter muitos filhos tinha também uma relevância religiosa. Era como se os hebreus estivessem, ao ter filhos, cumprindo o papel principal delegado por Deus à família. Isso se expressa claramente no trecho bíblico do livro de Gênesis:

---

<sup>36</sup> Deuteronômio, 7. 22.

E Deus os abençoou, dizendo: frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a...<sup>37</sup>

Notemos que, segundo a tradição religiosa, essa foi uma ordem divina para a primeira família da terra e os hebreus, por se considerarem o povo escolhido do seu Deus, se achavam na responsabilidade de cumprir essa ordem.

De acordo com Tenney, Packer e White Jr., os casais israelitas na antiguidade levavam muito a sério essa ordem e, se não se empenhassem em ter muitos filhos, seria como se estivessem diminuindo a vontade de Deus ou derramando sangue<sup>38</sup>.

Por último, a importância em ter filhos tinha também um caráter de memória. Os hebreus zelavam muito por sua memória e temiam que os seus feitos e os seus nomes fossem esquecidos para sempre. Isso se torna evidente no relato de vários trechos bíblicos, como no trecho do livro segundo de Samuel:

Ora, Absalão, quando ainda vivia, tinha tomado e levantado para si uma coluna. Que está no vale do Rei, porque dizia: filho nenhum tenho para conservar a memória do meu nome. E chamou aquela coluna pelo seu próprio nome; pelo que até o dia de hoje se chama pilar de Absalão<sup>39</sup>.

Notemos que Absalão, que era filho do rei Davi e tentou usurpar-lhe o trono, estava preocupado em conservar sua memória para as gerações futuras, e o meio mais eficaz seria através dos filhos, como ele não os possuía, resolveu levantar para si uma coluna que tinha o seu nome, “o pilar de Absalão”, na esperança de assim o seu nome ser lembrado.

---

<sup>37</sup> Gênesis, 1. 28.

<sup>38</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 55.

<sup>39</sup> II Samuel, 18. 18.

Segundo Tenney, Packer e White Jr., o casal hebraico desejava ser lembrado, e só através de descendentes, isto era assegurado. Estes autores afirmam que os que morressem sem deixar descendentes, podiam levar a família toda a ser destruída e esquecida para sempre. Na obra "Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos", eles citam um relato bíblico que se encontra no livro segundo de Samuel, aonde uma mulher viúva implora ao rei que absolva o filho único dela, pois o mesmo deveria ser condenado a morte:

E a mulher teçoíta falou ao rei, e, deitando-se com o rosto em terra, se prostou e disse: salva-me, ó rei. E disse-lhe o rei: que tens? E disse ela: na verdade que sou uma mulher viúva, e morreu meu marido. Tinha pois, a tua serva dois filhos, e ambos estes brigaram no campo não houve quem os apartasse: e assim um feriu o outro e o matou. E eis que toda a linhagem se levantou contra a tua serva e disseram: dá-nos aquele que feriu a seu irmão para que o matemos, por causa da vida de seu irmão, a quem matou, e para que destruamos também ao herdeiro. Assim, apagarão a brasa que me ficou, de sorte que não deixam ao meu marido nome, nem resto sobre a terra<sup>40</sup>.

Observamos que o argumento da mãe é baseado na idéia da memória de sua família, e essa argumentação foi tão forte que convenceu o rei Davi, que decidiu absolver o rapaz que havia cometido um homicídio, que segundo a lei hebraica era digno de morte, como podemos ver na seguinte passagem bíblica:

E disse o rei a mulher: vai para tua casa, e eu mandarei ordem acerca de ti<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William . Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 58.

<sup>41</sup> II Samuel, 14. 8.

O professor João C. Mezzomo, garante que a prole era muito importante para a preservação do nome da família e isto tornava o casamento praticamente universal na sociedade da época<sup>42</sup>.

Dessa forma, chegamos a conclusão de que ter filhos na sociedade hebraica antiga significava também a garantia da preservação da memória da família.

## 2.2 A herança

Em uma sociedade que tinha como principal riqueza a terra, a questão da herança tornou-se importante no cotidiano da família hebraica, entretanto, como veremos, a distribuição dos bens entre os filhos, após a morte dos pais, não obedecia a uma divisão igualitária, mas beneficiava um dos filhos do casal em detrimento da má sorte dos outros, que recebiam uma porção menor ou nenhuma porção da herança.

Desta maneira, a maior parcela da herança, ou seja a porção dobrada, cabia ao filho varão mais velho, os demais filhos varões recebiam porções menores e as filhas, salvo quando não houvessem filhos homens, não teriam direito algum sobre a herança.

Mas qual seria o sentido de tudo isso? Nosso objetivo nesta parte do trabalho será o de entender quais os significados que estão por detrás desses costumes.

O filho mais velho era revestido de grande importância dentro da família hebraica, e tinha autoridade superior a todos os seus outros irmãos. Segundo Tenney, Packer e White Jr., esperava-se que ele fosse o próximo cabeça da casa<sup>43</sup>, e para ocupar tal função era ele preparado.

<sup>42</sup> MEZZOMO, João C. A família: conflitos e perspectivas. Curitiba: Grafipar, 1970. 3.v. pp 29-30.

<sup>43</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 58.

As próprias leis teocráticas defendiam o direito da primogenitura, mesmo quando o primogênito fosse filho de uma mulher desprezada por parte do pai da família que tivesse mais de uma esposa, conforme nos mostra o relato bíblico do livro de Deuteronômio:

Quando um homem tiver duas esposas, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e a amada e a aborrecida lhe derem filhos, e o filho primogênito for da aborrecida, será que no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que tiver não poderá dar a primogenitora ao filho da amada, adiante do filho da aborrecida, que é o primogênito. Mas ao filho da aborrecida reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada porção de tudo quanto tiver, por quanto aquele é o princípio da sua força; o direito da primogenitura é seu<sup>44</sup>.

O que parece é que os hebreus tinham a preocupação de que após a morte do pai da família, os bens da mesma viessem a se esfacelar de tal forma que uma família que possuísse estabilidade, honra e status, devido a suas posses, viesse a diminuir drasticamente o seu patrimônio, a perder o seu prestígio e a diminuir o seu poder, pela excessiva divisão dos bens da mesma.

Vendo por esta ótica, entendemos a preocupação familiar em delegar autoridade e uma porção dobrada da herança a um dos filhos, para que esse pudesse garantir a subsistência e o prestígio da família.

Nossa idéia também é compartilhada pelo pesquisador Sérgio Santiago, pois segundo ele, era necessário que fosse transmitido por direito hereditário a um dos descendentes do pai de família a administração e os haveres da mesma<sup>45</sup>. Fica pois evidente

---

<sup>44</sup> Deuteronômio, 21. 15-17.

<sup>45</sup> SANTIAGO, Sérgio. A questão judaica: interpretação histórica e bíblica do destino social do povo judeu. Natal: [s. n.], 1968. p. 26.

a preocupação do pai em deixar um sucessor em condições de dar boa continuidade à instituição familiar.

Outro fator que entre os hebreus tornava importante o benefício do primogênito era o aspecto religioso. Como bem afirmou Santiago, quando disse que o direito da primogenitura era necessário para que fosse mantida fielmente a tradição do culto monoteísta, instituído pelo patriarca Abraão<sup>46</sup>. O cabeça da família tinha a responsabilidade de zelar pela vida espiritual dos demais membros, por isso o pai deveria estabelecer quem daria continuidade a essa tradição religiosa, e esse filho escolhido deveria ser o primogênito.

Segundo a tradição religiosa, o próprio "Iavé" considerava o primogênito importante do ponto de vista espiritual, pois o mesmo afirma:

Porque meu é todo primogênito entre os filhos de Israel...<sup>47</sup>.

Desta maneira, vemos que o próprio sistema religioso procurava conscientizar o filho mais velho de que ele era responsável por manter acesa a chama da fé monoteísta em sua família após a morte do pai.

Por esses fatores, entendemos que a importância do direito da primogenitura entre os hebreus estava na tentativa de resguardar o prestígio familiar e a tradição religiosa, baseada em um culto monoteísta. Era um meio de permitir que o sucessor do pai da família fosse significativamente forte para dar continuidade ao caminho trilhado pelos antepassados de um tronco comum.

---

<sup>46</sup> SANTIAGO, Sérgio. A questão judaica: interpretação histórica e bíblica do destino social do povo judeu. p. 26.

<sup>47</sup> Números, 8. 17.

Os filhos homens mais moços recebiam partes menores da herança, para poder se sustentar. Já as filhas, não tinham direito a participarem da divisão da herança, uma vez que na sociedade patriarcal hebraica, os bens pertenciam ao marido e assim havia o temor de que os bens da família fossem diminuídos quando as jovens viessem a se casar, pois com o casamento, esses bens passariam automaticamente para o círculo familiar do esposo da herdeira.

Se um casal viesse a falecer sem deixar descendentes do sexo masculino, a herança, por direito, seria das filhas do casal. Todavia, a herdeira deveria se casar com um dos homens da tribo do seu pai, para que a herança da sua família não fosse diminuída, conforme podemos observar na lei hebraica que regia a questão:

E chegaram os cabeças dos pais da geração dos filhos de Gilcade, filho de Maquir, filho de Manasés, das famílias dos filhos de José, e falaram diante de Moisés e diante dos maioraes, cabeças dos pais dos filhos de Israel e disseram: O SENHOR mandou dar esta terra a meu senhor por sorte em herança aos filhos de Israel, e a meu senhor foi ordenado pelo SENHOR que a herança do nosso irmão Zelofoade se desse a suas filhas. E casando-se elas com alguns dos filhos de outras tribos dos filhos de Israel, então sua herança seria diminuída da herança de nossos pais e acrescentada a herança da tribo de quem forem; assim se tiraria da sorte de nossa herança. Vindo também o ano de Jubileu dos filhos de Israel, a sua herança se acrescentaria à herança da tribo daqueles com quem se casarem; assim a sua herança será tirada da herança da tribo de nossos pais. Então Moisés deu ordem aos filhos de Israel, segundo mandado do SENHOR, dizendo: a tribo dos filhos de José fala bem. Esta é a palavra que o SENHOR mandou acerca das filhas de Zelofoade, dizendo: sejam por

mulheres a quem bem parecer aos vossos olhos, contanto que casem na família da tribo de seu pai. Assim a herança dos filhos de Israel não passará de tribo em tribo...<sup>48</sup>.

Notemos que Zelofeade era um hebreu que havia morrido sem deixar filhos homens. Havia pois uma preocupação, também neste ponto, em manter viva a memória e o prestígio económico da família, buscando assim um relativo equilíbrio entre as mesmas.

Mezzomo também compartilha dessa idéia, pois segundo o mesmo, casamentos assim não alienavam e nem dividiam o património familiar com pessoas estranhas, além disso ele afirma que as próprias mulheres tinham o interesse em casar dentro de sua própria parentela, pois elas temiam que se casando com um estranho não tivesse a garantia da proteção que poderia gozar junto aos seus parentes<sup>49</sup>.

A herança tinha ainda um valor sentimental muito grande para os hebreus, um valor tão alto que muitas vezes excedia o valor económico, como vemos nesse relato bíblico:

E sucedeu, depois destas coisas, tendo Nabote, o jezreelita, uma vinha que em Jezreel estava junto ao palácio de Acabe, rei de Samaria. Que Acabe falou a Nabote, dizendo: dá-me tua vinha, para que me sirva de horta, pois está vizinha, ao pé da minha casa; e te darei por ela outra vinha melhor do que ela; ou, se parecer bem aos teus olhos, dar-te-ei a sua valia em dinheiro. Porém Nabote disse a Acabe: guarda-me o SENHOR de que eu te dê a herança de meus pais<sup>50</sup>.

Reparemos que Nabote preferiu conservar a herança que havia recebido, à vantagens económicas junto ao rei de Israel. Tal atitude lhe custou a vida.

---

<sup>48</sup> Números, 36. 1-7.

<sup>49</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 33.

<sup>50</sup> I Reis, 21. 1-3.

### 2.3 Casamentos mistos em Israel

O sistema teocrático hebraico condenava expressamente o casamento de hebreus, fossem homens ou mulheres, com pessoas de outros povos, conforme vemos no relato bíblico do livro de Deuteronômio acerca das nações estrangeiras:

Nem te aparentarás com elas: não darás tuas filhas a seus filhos e não tomarás suas filhas para teus filhos<sup>51</sup>.

Se olharmos sob a ótica dos dias atuais, em que o mundo está cada vez mais diversificado e globalizado, podemos cair no erro de afirmar que os judeus eram preconceituosos e radicais. Mas o que será que estava por trás de tal costume? Qual a importância destas proibições? A proibição do casamento de hebreus com conjugues estrangeiros se devia ao fato de proteger sua própria cultura de influências externas, principalmente no que tange a questão do monoteísmo, que era um fator de coesão de todas as tribos de Israel, as quais adotavam um único deus. Se o politeísmo viesse a ser absorvido pelos hebreus, isso acabaria por enfraquecer a sua unidade.

De acordo com Mezzomo, os matrimônios com estrangeiros significavam uma contaminação religiosa, pela inclusão nele de pessoas que não adotavam a “Iavé”.<sup>52</sup> E era justamente isso que os líderes religiosos procuravam evitar, e assim proteger o culto exclusivo a “Iavé”. Nesse sentido, o escritor bíblico do livro de primeiro Reis, mostra-nos algo que ocorreu poucos anos antes do Cisma hebraico:

---

<sup>51</sup> Deuteronômio, 7. 8.

<sup>52</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 33.

E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas e isso além da filha de faraó, moabitas, amonitas, edonitas, sidônitas e hetéias, das nações que o SENHOR tinha dito aos filhos de Israel: não entrareis a elas, e elas não entrarão a vós; de outra maneira, perverterão o vosso coração para seguides os seus deuses. A estes se uniu Salomão com amor. E tinha setecentas mulheres, princesas, trezentas concubinas: e suas mulheres lhe perverteram o coração. Porque sucedeu que no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o SENHOR seu Deus, como o coração de Davi, seu pai, porque Salomão andou em seguimento de Astarote, deusa dos sidônios, e em seguimento de Milcom, a abominação dos amonitas. Assim fez Salomão o que era mau aos olhos do SENHOR e não perseverou em seguir ao SENHOR como Davi seu pai. Então edificou Salomão um alto a Quemós, a abominação dos moabitas, sobre o monte que está diante de Jerusalém, e a Moloque, a abominação dos filhos de Amom<sup>53</sup>.

O rei Salomão não só descumpriu a lei que proibia o casamento misto, como também introduziu, por influência de suas esposas, o culto politeísta em Israel. Ora, poucos anos depois disso os hebreus estavam divididos e enfraquecidos.

De acordo com Mezzomo, além de questões teológicas, a proibição do casamento misto era também importante do ponto de vista sociológico, pois segundo o autor, esta proibição servia para impedir o enfraquecimento da solidariedade reinante no grupo. Sem ela, o próprio grupo correria perigo, pois quanto mais fechado ele estivesse, tanto mais possibilidade ele teria de subsistir e a infiltração de membros estranhos o debilitaria e poderia os dissolver<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> I Reis, 11. 1-7.

<sup>54</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 33.

Como podemos observar, tanto a introdução de costumes religiosos, como a introdução de pessoas alheias ao grupo hebraico poderia acarretar perturbações nocivas a toda a sociedade. Vale lembrar que Israel, especialmente na época da chegada à Palestina, e em alguns períodos da monarquia, fazia guerra a todas as nações circunvizinhas, como nos mostra o seguinte relato bíblico sobre o rei Saul:

Então tomou Saul o reino sobre Israel e pelejou contra todos os seus inimigos em redor: contra Moabe, e contra os filhos de Amom, e contra Edom, e contra os reis de Zobá, e contra os filisteus: e para onde quer que se voltava, executava castigos. E houve-se valorosamente, e feriu aos amalequitas, e libertou a Israel da mão dos que saqueavam<sup>55</sup>.

Fica pois compreensível o fato que os hebreus se preocupavam em não permitir a entrada de certos costumes e pessoas estranhas a eles. Disso dependia a sua própria sobrevivência como nação.

#### **2.4 O contrato pré-nupcial**

O matrimônio entre os hebreus se dava, geralmente, com os conjugues ainda muito jovens, daí a responsabilidade dos pais em cuidar do casamento dos filhos.

Segundo Will Durant, o casamento em regra se dava pela compra, e a palavra hebraica designativa para noiva era “beu lah”, que significava adquirida<sup>56</sup>. Essa idéia é

---

<sup>55</sup> I Samuel, 14. 47-48.

<sup>56</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 226.

também compartilhada por Tenney, Packer e White Jr., que afirmam que a família do marido pagava um preço ao pai da noiva para que fosse selado o acordo do casamento<sup>57</sup>.

Entretanto, essa compra não estava limitada à quantidade de dinheiro, podendo se dar através de serviços prestados ao futuro sogro, como nos afirma Mezzomo<sup>58</sup>, esses serviços podiam ser trabalhos braçais ou feitos militares, conforme o relato bíblico do livro primeiro de Samuel, em que o rei Saul determina o preço que deve ser pago por sua filha:

E Saul deu ordem aos seus servos: falai em segredo a Davi dizendo: eis que o rei te está mui afeiçoado, e todos os seus servos te amam: agora pois, consente em ser genro do rei. E os servos de Saul falaram todas essas palavras aos ouvidos de Davi. Então disse Davi: Parece-vos pouco aos vossos olhos ser genro do rei, sendo eu um homem pobre e desprezível? E os servos de Saul lhe anunciaram isso, dizendo: foram tais as palavras que falou Davi. Então disse Saul: assim déreis a Davi: o rei não tem necessidade de dote, senão de cem prepúcios de filisteus, para tomar vingança dos inimigos do rei. Porquanto Saul tentava fazer cair a Davi pela mão dos filisteus. E anunciaram os seus servos estas palavras a Davi, e esse negócio pareceu bem aos olhos de Davi, de que fosse genro do rei; porém os dias ainda não se haviam cumprido. Então Davi se levantou com os seus homens, e feriram dentre os filisteus duzentos homens: e Davi trouxe os seus prepúcios, e os entregaram todos ao rei, para que fosse genro do rei; então Saul lhe deu por mulher a sua filha<sup>59</sup>.

Notemos que desde a época dos juízes este costume já era presente, como também podemos observar no livro bíblico de Juízes:

---

<sup>57</sup> TENNEY, Merril C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 48.

<sup>58</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 27.

<sup>59</sup> I Samuel, 18. 22-27.

E disse Calebe: quem ferir a Quiriate-Sefer e tomar-lhe, lhe darei a minha filha Acsa por mulher. E tomou-a Otiniel, filho de Quenaz, o irmão de Calebe, mais novo do que ele: e Calebe lhe deu a sua filha Acsa por mulher<sup>60</sup>.

É inegável que o matrimônio envolvia questões econômicas ou interesses diversos, entretanto, não se pode ver a mulher em idade de casamento, na sociedade hebraica desta época, como uma simples mercadoria de compra, troca ou venda. O professor Mezzomo afirma que tais presentes era mais um sinal de amizade e prova de que o futuro marido [ou a família deste] tinha condições para sustentar a esposa. Segundo o mesmo autor, os hebreus tinham um alto conceito a respeito de suas esposas<sup>61</sup>. Conforme podemos perceber na passagem bíblica do livro de Provérbios a seguir, a mulher era valorizada, e dificilmente seria concebível que ela fosse um simples objeto de compra:

Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de rubis. O coração do seu marido está nela confiado, e a ela nenhuma fazenda faltará. Ela lhe faz bem e não mal todos os dias de sua vida (...) Conhece-se o seu marido nas portas, quando se assenta com os anciões da terra. Faz panos de linho fino, e vende-os, e dá cinta aos mercadores. A força e a glória são as suas vestes, e ri-se do dia futuro. Abre a boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua. Olha pelo governo de sua casa e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos, e chamam-na bem-aventurada; como também seu marido, que a louva, dizendo: muitas filhas agiram virtuosamente, mas tu a todas és superior. Enganosa é a graça, e vaidade a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e louvem-na nas portas as suas obras<sup>62</sup>.

<sup>60</sup> Juízes, 1. 12-13.

<sup>61</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 28.

<sup>62</sup> Provérbios, 31. 10-12, 23-31.

Reparemos aqui que a mulher em Israel não era vista, como já dissermos, como uma mercadoria, mas sim valorizada por sua sabedoria, educação dos filhos, governo da casa e destreza no trabalho, além do seu fervor religioso.

Tenney, Packer e White Jr., também concordam com essa idéia. Segundo eles, o preço do pagamento da noiva era o reconhecimento do valor econômico da filha do pai da família, e não uma mera compra de uma propriedade<sup>63</sup>.

A idéia de que a moça não era considerada como uma mercadoria, pode ser reforçada por inúmeros exemplos em que o pai da noiva dava valiosos presentes a mesma, como nesse relato bíblico:

E tomou-a Otiniel, filho de Quenaz, o irmão de Calebe, mais novo do que ele; e Calebe lhe deu sua filha Acsa por mulher. E sucedeu que vindo ela a ele, o persuadiu a que pedisse um campo a seu pai; e ela se apeou do jumento, saltando-o; e Calebe lhe disse: que é o que tens? E ela lhe disse: dá-me uma benção, pois me destes uma terra seca; dá-me também fontes de águas. E Calebe lhe deu as fontes superiores e as fontes inferiores<sup>64</sup>.

Aqui fica claro que o pai da moça não via a filha como mera mercadoria, pois deu-lhes terras férteis mesmo após ela estar casada.

Will Durant também afirma o mesmo. Segundo ele, o pai da noiva retribuía por meio de um dote o preço pago pela jovem; e isso era um meio de diminuir os males do intervalo entre a maturidade sexual [aonde geralmente acontecia o matrimônio] e a maturidade econômica dos filhos<sup>65</sup>. Nota-se que de acordo com esse autor, havia a

---

<sup>63</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 48.

<sup>64</sup> Juizes, 1. 13-15.

<sup>65</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 226.

preocupação havia a preocupação com a sobrevivência da filha mesmo depois dela estar casada, por isso não concordamos com a teoria de que a mulher para os hebreus era uma simples propriedade.

O pesquisador Daniel Boyarin, autor do livro "Israel Carnal", afirma que a lei Talmúdica não trata a mulher como uma propriedade ou um objeto para a satisfação do homem<sup>66</sup>. De acordo com Mezzomo, os presentes dados pela família do noivo ao pai da noiva tinham a função de selar uma aliança entre as duas famílias<sup>67</sup>.

É interessante observar ainda que não havia comemorações religiosas para a realização do casamento como nos dias de hoje. Segundo John Davis, o casamento era puramente doméstico, e era ratificado por uma espécie de juramento, conforme podemos observar nestes relatos bíblicos do livro de Provérbios [2. 17] e de Ezequiel [16. 8], respectivamente:

A qual deixa o guia da sua mocidade e se esquece do concerto do seu Deus;

E passando eu por ti, vi te, e eis que o teu tempo era tempo de amores; e estendi sobre ti a aureola do meu manto e cobri a tua nudez: e te dei juramento e entrei em concerto contigo, diz o SENHOR JEOVÁ, e tu ficasse sendo minha<sup>68</sup>.

O primeiro exemplo refere-se a uma mulher adúltera, e o escritor bíblico afirma que ela se esquece do concerto do seu Deus, isto é, do juramento de fidelidade. No segundo exemplo, o escritor do livro de Ezequiel faz uma analogia entre dois jovens que se

<sup>66</sup> BOYARIN, Daniel. Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica. Rio de Janeiro, Imago, 1994. pp 120-121.

<sup>67</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 28.

<sup>68</sup> DAVIS, John. Dicionário da bíblia. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1977. p. 100.

comprometem a se casar fazendo juramento e acordo, e o encontro de Deus com a nação de Israel, que era simbolizado como um casamento.

Após o pagamento do dote, o homem desposava sua futura esposa, e isso equivalia mais ou menos ao noivado nos dias de hoje, pois, embora o compromisso do casamento já existisse, não havia ainda sido feita a união matrimonial, e o casal ainda não coabitava.

De acordo com Claudionor de Andrade, essa espécie de noivado era coisa séria. Somente a morte os podia separar<sup>69</sup>. Durante esse período, o futuro esposo era dispensado de seus serviços militares, como vemos nesse trecho do livro bíblico de Deuterônimo:

E qual é o homem que está desposado com alguma mulher e ainda não a recebeu? Vá e torne à sua casa, para que, por ventura não morra na peleja, e algum outro homem a receba<sup>70</sup>.

A união propriamente dita, ocorria após a festa das núpcias, que poderia durar uma ou duas semanas, quando finalmente o noivo recebia sua prometida e a conduzia à sua casa ou à casa do seu pai.

## **2.5 O papel dos conjugues na família patriarcal hebraica**

Segundo o historiador Will Durant, inicialmente, o casamento em Israel era matriarcal. O homem tinha de deixar pai e mãe e submeter-se a sua mulher no clã desta.

---

<sup>69</sup> ANDRADE, Claudionor de. Geografia bíblica. p. 179.

<sup>70</sup> Deuterônimo, 20. 7.

Ainda, de acordo com o autor, este costume foi gradualmente desaparecendo depois do estabelecimento da monarquia<sup>71</sup>.

Mais cauteloso do que Durant, o professor Mezzomo afirma que “primitivamente o matrimônio parecia caracterizar-se pela autoridade da mulher”. Ainda de acordo com ele, um argumento de apoio a essa afirmativa estava contido em relatos bíblico, segundo os quais a casa era governada pela mulher. Vejamos esses argumentos descritos por Mezzomo:

Disse Noemi as suas duas noras: ide, voltai cada uma à casa de sua mãe: e o SENHOR use convosco de benevolência, como vós usastes com os falecidos e comigo [Rute 1. 8];

Porém Sísera fugiu a pé para a tenda de Jael, mulher de Héber, Queneu .[Juízes 4. 17]<sup>72</sup>.

Todavia não compartilhamos dessa idéia de que na época anterior à monarquia hebraica a autoridade da esposa era superior a do marido. O historiador Will Durant não mostra quais foram as fontes que o possibilitou a fazer essa afirmativa, e nem muito menos expressa seus argumentos. Já os argumentos contidos no trabalho de João Mezzomo, são facilmente descaracterizados.

No primeiro relato bíblico, temos duas mulheres sendo mandadas para a sua terra por sua sogra, após a morte dos respectivos esposos destas. A expressão utilizada é: “ide para a casa de vossa mãe”. Ora, entendemos que a expressão “casa de vossa mãe” designa moradia e não posse. Posso tranquilamente dizer “vou para minha casa” sem ser necessariamente o dono legal dela, mas sim por habitar nela.

---

<sup>71</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

<sup>72</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 21.

O segundo relato bíblico segue o mesmo raciocínio: “e chegou a tenda de Jael, mulher de Héber”. Até porque o contexto bíblico envolve Jael e não Héber, daí entendermos que essa expressão apenas designa que aquela era a tenda em que Jael habitava.

Defendemos que mesmo antes da monarquia, a família hebraica era patriarcal por diversos motivos, como por exemplo: a genealogia, que seguia a linha do pai e não da mãe, coisa que os hebreus davam grande importância para a conservação de sua memória. Fato este que podemos perceber no livro bíblico de Rute, que era da época dos juízes:

Estas são pois as gerações de Perez, Perez gerou a Esrom, e Esrom gerou a Naassom, e Naassom gerou a Salmom, e Salmom gerou a Boaz, e Boaz gerou a Obede, e Obede gerou a Jessé, e Jessé gerou a Davi<sup>73</sup>.

Além disso, segundo Tenney, Packer e White Jr., era o homem quem defendia o direito da família perante os juízes, quando se fizesse necessário, e, ainda segundo esses autores, o Talmulde afirma que era responsabilidade do pai ensinar a lei, circuncidar o filho, achar-lhe uma esposa e ensinar-lhes uma profissão<sup>74</sup>.

O próprio Mezzomo afirma que são mais numerosas as provas bíblicas favoráveis ao sistema patriarcal de governo da família<sup>75</sup>. Por tudo isso, afirmamos que na sociedade hebraica antiga vigorava antes, durante e depois da monarquia, o sistema aonde a autoridade do patriarcal era dominante. Resolvida esta questão, analisaremos o papel de cada cônjuge dentro da instituição familiar.

<sup>73</sup> Rute, 4. 18-22.

<sup>74</sup> TENNEY, Merril C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. pp 10-11.

<sup>75</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 21.

Como já foi dito, a autoridade do marido sobre a esposa e os filhos era predominante e ao mesmo tempo era responsável pelos demais membros de sua casa.

Will Durant afirma que a autoridade do pai não tinha limites, sua era a terra, e os filhos só poderiam sobreviver graças à obediência<sup>76</sup>. Cabia ao esposo a liderança espiritual da família, tendo o cuidado em zelar, junto a sua esposa e filhos, pelas tradições do culto monoteísta a "Iavé".

De acordo com Tenney, Packer e White Jr., cabia ao pai a transmissão aos filhos da lei escrita de acordo com o que está escrito no livro de Deuterônimo:

Estás palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as incucarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. [Deuterônimo, 6. 6-7]<sup>77</sup>

Além disso, como já falamos anteriormente, o pai tinha a responsabilidade de circuncidar o filho, achar-lhe uma esposa, uma profissão, além de representar a família, defendendo-a perante os juizes, e, por fim, como nos afirma Tenney, Packer e White Jr., o homem tinha a função de sustentar adequadamente a família<sup>78</sup>.

A esposa tinha um papel de auxiliadora do marido, sendo submissa ao mesmo, entretanto, ela também exercia autoridade sobre os filhos.

De acordo com Davis, as palavras da mãe tinham força de lei, como vemos no livro de provérbios:

<sup>76</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 224.

<sup>77</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 9.

<sup>78</sup> Idem, p. 10.

Filho meu ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe. [Provérbios, 1. 8]<sup>79</sup>

Embora a mulher pudesse ter outras atividades, como a agricultura e o pastoreio, ela estava voltada para a vida doméstica, e sua principal função e alegria era dar filhos ao marido.

Segundo Daniel Boyarin, as leis judaicas do Talmulde apresentam as mulheres como seres praticamente indefesas e despidas de quase todo o seu poder, entretanto, os mesmos rabis que produziram o discurso de dominação masculina, atenuam seus efeitos ao induzir os homens a não aproveitarem de suas esposas, e, ao contrário, serem extremamente solícitos com elas<sup>80</sup>.

Parece que estamos diante de uma grande contradição, pois as esposas são ao mesmo tempo induzidas a serem submissas, tendo como principal função a procriação, e, por outro lado, ela parece ser valorizada, respeitada e protegida. Todavia não existe contradição, na verdade os hebreus honravam e respeitavam suas mulheres, falamos aqui em termos gerais, não sendo elas, como já afirmamos anteriormente, meros objetos de posse dos homens.

O fato de a mulher ser submissa era uma coisa comum entre os povos da Antigüidade, e a procriação, como já afirmamos, era algo fundamental para a subsistência e prosperidade dos hebreus. Não caímos pois no erro de olharmos os hebreus sob “as lentes da contemporaneidade”. Além do mais, várias mulheres hebréias ocuparam lugares de honra e distinção na sociedade hebraica antiga, como juízas, profetizas, guerreiras, etc.

<sup>79</sup> DAVIS, John. Dicionário da bíblia. p. 98.

<sup>80</sup> BOYARIN, Daniel. Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica. pp 120-121.

## 2.6 A poligamia na família hebraica

Como os demais povos de sua época, os antigos hebreus praticavam a poligamia. Entretanto, as leis teocráticas, embora não proibissem essa prática, procuravam limitá-la, garantindo que os direitos da primeira esposa não seriam diminuídos caso o marido viesse a contrair novas núpcias.

Nesta parte do trabalho, procuraremos mostrar qual a importância em ter mais de uma mulher na sociedade hebraica antiga, além de mostrar as perturbações que tal fato provocava, e de que forma as leis teocráticas procuravam limitar tal fato.

Em primeiro lugar, o fato de um homem ter muitas esposas lhe conferia prestígio social e status econômico, haja vista que a capacidade dele em sustentar várias esposas refletiria sua boa condição financeira.

Havia também a poligamia como forma de diplomacia, quando praticada por reis e governantes. Prática essa usada por muitos reis de Israel, como por exemplo o rei Acabe:

E Acabe, filho de Onri, começou a reinar sobre Israel no ano trigésimo oitavo de Asa rei de Judá; e reinou Acabe, filho de Onri, sobre Israel em Samaria, vinte e dois anos (...) E ainda tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios...<sup>81</sup>

E principalmente o rei Salomão:

E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas, e isso além da filha de faraó, moabitas, amonitas, edonitas, sidônias e hetéias<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> I Reis, 16. 29. 30.

Entretanto, estamos de acordo com Mezzomo quando este afirma que o desejo e a necessidade em ter muitos filhos, certamente era o motivo principal da prática da poligamia entre os hebreus<sup>83</sup>. Já falamos sobre essa importância anteriormente, e acrescentamos aqui que os antigos hebreus viam na poligamia a possibilidade de aumentar sua prole, especialmente quando a primeira esposa tivesse dificuldades em gerar filhos ou fosse estéril.

Ainda de acordo com Mezzomo, a mulher, que não cumprisse sua missão de gerar, podia ser despedida ou via-se associada a outras esposas<sup>84</sup>.

A prática da poligamia em Israel, constantemente, trazia perturbações no âmbito familiar, principalmente devido ao ciúme das esposas. Com relação a isso, John Davis é categórico ao afirmar que “os males que a poligamia produz aparecem nas desordens domésticas provocadas pelo ciúme da mulheres de Elcana”<sup>85</sup>. Elcana, a que se refere Davis, era um hebreu, da época dos juízes, que possuía duas mulheres, que competiam entre si. Essa é uma das mais dramáticas e belas histórias da bíblia hebraica e está contida no primeiro livro de Samuel. E as perturbações domésticas são bem visíveis no primeiro capítulo deste livro:

Houve um homem de Ramataim-Zófim, da montanha de Efrain, cujo nome era Elcana. Filho de Jeorão, filho de Eliú, filho de Tou, filho de Zufe, Efrateu. E este tinha duas mulheres: o nome de uma era Ana, e o nome da outra era Penina; Penina tinha filhos, porém Ana não tinha filhos. Subia, pois, este homem da sua cidade de ano em ano a adorar e sacrificar ao SENHOR dos exércitos em Silo; e estava ali os sacerdotes do SENHOR, Hofini e Finéias, os dois filhos de Eli. E sucedeu que

---

<sup>82</sup> I Reis, 11.1

<sup>83</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 22.

<sup>84</sup> Idem, p. 22.

<sup>85</sup> DAVIS, John. Dicionário da bíblia. p. 100.

no dia em que Elcana sacrificava, dava ele porções do sacrificio a Penina, sua mulher, e a todos os seus filhos, e a todas as suas filhas. Porém a Ana dava uma parte excelente, porquanto ele amava Ana; porém o SENHOR lhe tinha cerrado a madre. E sua competidora excessivamente a irritava para a embravecer, porquanto o SENHOR lhe tinha cerrado a madre. E assim fazia ele de ano em ano ; quando ele subia à casa do SENHOR, assim a outra a irritava, pelo que chorava e não comia. Então Elcana, seu marido, lhe disse: Ana por que choras? E por que não comes? E por que está mal o teu coração? Não te sou eu melhor do que dez filhos?<sup>86</sup>

Como podemos observar, a prática da poligamia poderia trazer complicações domésticas e poderia inclusive perturbar a ordem e o equilíbrio social, que era pautado na instituição familiar.

Por isso, as leis teocráticas procuravam, se não proibir, mas pelo menos, limitar tal prática, através de, por exemplo, dar garantia de que os direitos da primeira esposa não serem diminuídos, mesmo quando esta tivesse uma condição social inferior, como por exemplo, as escravas, como podemos ver no livro de Êxodo:

E, se algum vender sua filha por serva, não sairá como saem os servos. Se desagradar aos olhos de seu senhor, e não se desposar com ela, fará com que se resgate: não poderá vendê-la a um povo estranho, usando de deslealdade com ela. Mas, se a desposar com seu filho, fará com ela conforme o direito das filhas. Se lhe tomar outra, não diminuirá o mantimento desta, nem a sua veste, nem a sua obrigação marital. E, se não lhe fizer estas três coisas, sairá de graça, sem dar dinheiro<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> I Samuel, 1. 1-8.

<sup>87</sup> Êxodo, 21. 7-11.

Notemos que quando o texto fala em “direito das filhas” ele está se referindo ao direito das esposas livres, estas eram protegidas, e o marido, se viesse a contrair novas núpcias, não poderia diminuir o sustento da mesma e nem deixar de cumprir sua obrigação marital, que aqui se refere à relações sexuais.

Estas leis alcançavam também as escravas hebréias tomadas para serem esposas de seus senhores ou dos filhos destes. Se a mulher fosse livre e o marido descumprisse essas regras, isso poderia acarretar o divórcio, se ela fosse escrava poderia deixar o marido sem pagar dinheiro algum.

Através do estudo do Talmude, Daniel Boyarin afirma que o marido deveria ter relações sexuais constantemente com sua esposa. Inclusive antes de viajar<sup>88</sup>. Essas leis ao mesmo tempo em que protegiam as mulheres, garantindo, pelo menos na teoria, que seus direitos não seriam diminuídos quando o marido viesse a ter outras mulheres; também procurava restringir a prática da poligamia.

Por outro lado, a lei procurava desanimar os reis à terem muitas esposas: “... Tão pouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração não se desvie...”<sup>89</sup>.

Os hebreus também tinham leis que proibiam o casamento de parentes, como veremos no terceiro capítulo. John Davis afirma que isso era uma maneira de diminuir a poligamia<sup>90</sup>.

Além disso, como veremos mais adiante, na sociedade hebraica antiga o divórcio era tolerado, e o homem poderia dar a carta de divórcio a sua esposa se essa não lhe agradasse, e deveria, pelo menos em teoria, dar esta mesma carta se ele não tivesse

---

<sup>88</sup> BOYARIN, Daniel. Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica. p. 142.

<sup>89</sup> Deuteronômio, 17. 17.

<sup>90</sup> DAVIS, John. Dicionário da bíblia. p. 98.

cumprido suas obrigações como marido. A permissão do divórcio, sem dúvida, limitava a prática da poligamia.

A prática da poligamia pareceu diminuir com o advento da monarquia, pelo menos entre as pessoas comuns, pois, é normal vermos relatos bíblicos da época dos juízes sobre a poligamia, uma vez que estes relatos praticamente desaparecem na época da monarquia, com exceção dos reis que geralmente possuíam muitas mulheres.

Segundo Mezzomo, com as mudanças sociais, o rompimento dos costumes nômades e com a influência de outras culturas, encorajou-se sempre mais práticas da poligamia<sup>91</sup>.

## 2.7 O adultério

O adultério entre os hebreus não era tolerado, pois ia de encontro a moral hebraica e a proteção religiosa que a família possuía. Na verdade, o adultério deveria ser punido com a morte, como nos mostra o relato bíblico do livro de Deuteronômio:

Quando um homem for achado deitado com mulher casada com marido, então, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher, assim tirarás o mal de Israel<sup>92</sup>.

De acordo com Mezzomo, isso advinha do fato de a mulher ser considerada como “propriedade do marido”.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 22.

<sup>92</sup> Deuteronômio, 22. 22.

<sup>93</sup> Mezzomo, João C. Op. Cit. p. 22.

Para Durant, o adultério significava ter relações com uma mulher que havia sido paga e comprada por outro homem, o que era uma violação do direito de propriedade, cuja punição consistia em pena de morte para ambas as partes<sup>94</sup>.

Entretanto, entendemos que a mulher hebraica tinha um valor muito maior do que uma mera propriedade do marido, e o adultério era visto mais como uma afronta à dignidade moral do prejudicado, do que uma utilização indevida de sua propriedade. A prova disso, é que não existe uma única lei hebraica que condene a morte um indivíduo que tenha utilizado, mesmo que indevidamente, ou de forma clandestina, um jumento ou uma casa de outrem, por exemplo.

Tenney, Packer e White Jr., afirmam que os judeus consideravam o adultério como uma grave ameaça à família, por isso puniam os adultérios imediatamente e com severidade<sup>95</sup>.

Desta forma, o adultério era visto como uma perturbação que poderia trazer complicações ao meio familiar e por isso deveria ser punido de modo exemplar.

Embora houvesse religiosidade na punição do adultério, este poderia ser perdoado, como vemos na passagem bíblica do livro de Juízes:

E aconteceu também naqueles dias em que não havia reis em Israel, que houve um homem levita que, peregrinando aos lados da montanha e Efraim, tomou para si uma mulher concubina, de Belém de Judá. Porém a sua concubina adulterou contra ele, e foi dele para a casa de seu pai, a Belém de Judá, e esteve ali alguns dias, a saber, quatro meses. E seu marido se levantou e partiu após ela, para lhe falar conforme o seu coração e para tornar a trazê-la; e o seu moço e um par de jumentos, iam

---

<sup>94</sup> DURANT, Will. A história da civilização: nossa herança oriental. p. 226.

<sup>95</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 22.

com ele, e ela o levou à casa de seu pai, e, vendo-o o pai da moça, alegrou-se ao encontrar-se com ele.<sup>96</sup>

Ora, percebemos aqui que o marido não via sua esposa como uma mercadoria, e que na relação do casal existiam sentimentos de afetividade profunda, a ponto de até mesmo o adultério ser perdoado.

## 2.8 O divórcio

Embora as leis que regiam a sociedade hebraica antiga fossem teocráticas, o divórcio era tolerado e regulamentado.

De acordo com Tenney, Packer e White Jr., a lei hebraica permitia que um homem se divorciasse de sua mulher quando ela não fosse agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, conforme está escrito no livro bíblico de Deuteronômio:

Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então, será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. [Deuteronômio 24.1]<sup>97</sup>

Essa “coisa feia” a que se refere a lei, parece ser algum comportamento indecente para os padrões da época.

---

<sup>96</sup> Juizes, 19. 1-3.

<sup>97</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 53.

Os rabinos tratavam de complicar até o inverossímil os requisitos do divórcio: o marido deveria exteriorizar-se por meio de um documento escrito. O documento deveria conter a menção da data, do lugar, do nome das partes e de seus antepassados imediatos.

Segundo o historiador Mario Curtis Giordani, tal formalidade visava limitar o mais possível a dissolução do laço conjugal, evitando a precipitação do marido. Ainda de acordo com Giordani, o marido deveria dizer que abandonava a sua mulher, que repudiava livremente e por sua vontade, e que lhe dava a liberdade de poder casar-se com qualquer outro. O documento deveria ir para as mãos da destinatária, em testemunho da separação<sup>98</sup>.

Para Tenney, Packer e White Jr., o direito ao divórcio era exclusivo do marido, a mulher não tinha permissão para divorciar-se do seu esposo por motivo algum<sup>99</sup>. No entanto, Mezzomo afirma que a mulher poderia abandonar se este após ter tomado outra esposa, lhe diminuísse a alimentação, os vestidos e os direitos conjugais<sup>100</sup>.

Como já afirmamos na parte referente à poligamia, defendemos que estes eram motivos legais para que a mulher pedisse o divórcio, mesmo se ela tivesse sido comprada como escrava. Pois entendemos que se um homem não tivesse condição econômica de possuir mais de uma esposa, ele não deveria tê-las.

Devemos pois entender que o divórcio era permitido para diminuir as perturbações sociais como a poligamia e suas conseqüências, por exemplo. Além disso, ao mesmo tempo em que as leis permitiam o divórcio, elas procuravam limitá-lo como forma de proteger a mulher, haja vista que em uma sociedade patriarcal, a mulher repudiada não era bem vista.

---

<sup>98</sup> GIORDANI, Mário Curtis. História da antiguidade oriental. p. 237.

<sup>99</sup> TENNEY, Merril C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William. Op. Cit. p. 53.

<sup>100</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 32.

## 2.9 As viúvas na sociedade hebraica antiga

Em uma sociedade patriarcal, como era a hebréia, a situação de uma mulher viúva poderia ser muito difícil, especialmente se ela não possuísse filhos adultos do sexo masculino, nem bens materiais. Como já foi falado, era costume no antigo Israel que os homens defendessem a família diante dos juízes. Desta maneira, uma viúva desamparada poderia vir a ser prejudicada por ser a parte mais fraca em uma questão.

De acordo com o relato bíblico do segundo livro de reis, um credor poderia exigir os filhos de uma viúva caso ela não pudesse pagar uma dívida:

E uma mulher das mulheres dos filhos dos profetas, clamou a Eliseu dizendo: meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que o teu servo temia ao SENHOR; e veio o credor a levar-me os meus dois filhos para serem servos.<sup>101</sup>

Segundo Mezzomo, o estado das viúvas hebréias era lamentável e frequentemente eram tratadas com dureza, além de serem consideradas como um peso para a sociedade. Como mostra-nos esse relato bíblico acerca de uma viúva chamada Noemi:

Porém ela lhes dizia: não me chameis Noemi: chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o todo poderoso. Cheia parti, porém vazia o SENHOR me fez tornar; porque pois, me chamareis Noemi? Pois o SENHOR testifica contra mim, e o todo poderoso me tem afligido tanto.[Rute, 1. 20-21]<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> II Reis, 4. 1.

<sup>102</sup> Mezzomo, João C. A família: conflitos e perspectivas. p. 31.

Era comum uma viúva hebréia seguir os segadores para colherem as sobras, e isso equivalia mais ou menos nos dias de hoje, guardando as devidas proporções, a pedir esmolas nas ruas. O livro de Deuteronômio nos mostra esta prática:

Quando no teu campo segares a tua sega e esqueceres uma gavela no campo, não tornarás a tomá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será: para que o SENHOR teu Deus te abençoe em toda a obra das tuas mãos.<sup>103</sup>

O livro bíblico de Rute também nos mostra a mesma prática:

Foi, pois, e chegou, e apanhava espigas no campo após os segadores...<sup>104</sup>

Para evitar distúrbios e perturbações sociais, as leis judaicas protegiam as viúvas. De acordo com John Davis, a lei mosaica ordenava que as viúvas fossem tratadas com justiça e consideração, aplicando severas penas a quem as violassem:

A nenhuma viúva nem órfão afligireis. [Êxodo, 22. 22];

Não perverterás o direito dos estrangeiros e dos órfãos; nem tomarás em penhor a roupa da viúva.

[Deuteronômio, 24. 17].<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> Deuteronômio, 24. 19.

<sup>104</sup> Rute, 2. 3.

<sup>105</sup> DAVIS, John. Dicionário da bíblia. pp 619-620.

Como podemos observar, nesses relatos bíblicos, além das viúvas, o órfão e o estrangeiro eram presas frágeis para os exploradores, daí o porquê da lei judaica também os protegerem.

Outra maneira adotada para proteger as viúvas era a lei do Levirato. Segundo essa lei, se um homem casado morresse sem deixar filhos, o irmão do mesmo deveria tomar a mulher do falecido como esposa e suscitar descendência para o defunto. Neste trabalho já defendemos a tese de que este ato tinha como função a preservação do nome e da memória do morto. Entretanto, fica evidente que essa lei tinha também a função de proteger a viúva para que a mesma não ficasse desamparada.

#### **2.10 A importância dada aos anciões**

Na sociedade contemporânea, muitos vêem os idosos como um peso para os demais membros de sua família ou de toda a sociedade. Os mesmos vêm sofrendo, na atualidade, inúmeros preconceitos, sendo, inclusive, rejeitados quando procuram empregos, ou outros benefícios a que têm direito. Além disso, cada vez mais cresce o número de anciões que são abandonados por suas famílias em asilos ou abrigos. Desta maneira temos renunciado benefícios importantes como a experiência, a habilidade e o conhecimento de vida que todo idoso possui, em maior ou menor grau.

A sociedade hebréia antiga não só respeitava, como muito valorizava os seus anciões. Eram estes os guardiões das tradições religiosas, os sábios conselheiros e os bons educadores das crianças e dos jovens. A própria lei religiosa reconhecia a importância dos mais velhos e decretava:

... e honrarás a face do velho, e terás temor do teu Deus. Eu sou o SENHOR.<sup>106</sup>

Para os hebreus, os idosos eram fontes de conhecimento, como vemos nessa passagem bíblica:

Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos de muitas gerações; pergunta a teu pai, e ele te informará, aos teus anciões, e eles te dirão.<sup>107</sup>

E como tais deveriam ser respeitados pelos mais jovens. A respeito disso, temos observado em nossa pesquisa que os mais moços tinham um grau de consideração e respeito tão alto pelas pessoas de mais idade, que não ousavam falar, em uma conversa pública, enquanto os mais velhos não tivessem dado suas opiniões sobre determinado assunto. Vemos isso claramente em um trecho do livro bíblico de Jó:

Eliú, porém, esperou para falar a Jó, porquanto tinham mais idade do que ele (...) E respondeu Eliú, filho de Baraquiel o buzita, e disse: sou de menos idade e, vós sois idosos; arreceei-me e temi de vos declarar a minha opinião.<sup>108</sup>

De acordo com Tenney, Packer e White Jr., os israelitas criam que uma pessoa adquiria sabedoria na medida em que envelhecia, e, portanto, os anciões eram um

---

<sup>106</sup> Levítico, 19. 32.

<sup>107</sup> Deuterônimo, 32. 7.

<sup>108</sup> Jó, 32. 4-6.

patrimônio valioso para a família. Ainda segundo esses autores, a maioria das decisões que afetavam a tribo eram tomadas pelos anciões da aldeia.<sup>109</sup>

Na verdade, antes da monarquia, havia um conselho de setenta anciões que discutiam os problemas das tribos de Israel e os levavam para os juízes, como nos mostra a passagem em que Moisés, o grande legislador de Israel, se ausenta e deixa os setenta anciões sobre o povo e delega poderes de juízo a dois homens de sua confiança:

E subiram Moisés e Arão, Nadabe e Abiu, e setenta dos anciões de Israel (...) E levantou-se Moisés com Josué, seu servidor: e subido Moisés o monte de Deus. E disse aos anciões: esperai-vos aqui, até que tomemos a vós; e eis que Arão e Hur ficam convosco; quem tiver algum negócio se chegará a eles.<sup>110</sup>

A tradição hebraica contida no primeiro livro de Reis, no seu capítulo doze, afirma claramente que o Cisma hebreu, ocorrido por volta do ano 920 a.C., após a morte do rei Salomão, ocorreu devido ao rei Roboão, filho de Salomão, ter rejeitado o conselho dos anciões e preferido a orientação dos jovens inexperientes:

E foi Roboão para Siquém, porque todo o Israel veio a Siquém, para o fazerem Rei (...) Falaram a Roboão, dizendo: teu pai agravou o nosso jugo; agora, pois alivia tu a dura servidão de teu pai e o seu pesado jugo que nos impôs, e nós te serviremos. E ele lhes disse: ide-vos até o terceiro dia e voltai a mim. E o povo se foi. E teve o rei Roboão conselho com os anciões que estavam na presença de Salomão, seu pai, quando este ainda vivia, dizendo: como aconselhas vós que se responda a este povo? E ele lhe falaram dizendo: se hoje fores servos desse povo, e o servires, e

<sup>109</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE J r., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 77.

<sup>110</sup> Êxodo, 24. 9, 13. 14.

respondendo-lhe, lhe falares boas palavras, todos os dias serão teus servos. Porém ele deixou o conselho que os anciões lhe tinham aconselhado e teve conselho com os jovens que haviam crescido com ele, que estavam diante dele. E disse-lhes: que aconselhais vós que respondamos a este povo, que lhe falou dizendo: alivia o jugo que teu pai nos impôs? E os jovens que haviam crescido com ele lhe falaram, dizendo: assim falarás a este povo (...) meu dedo mínimo é mais grosso do que o lombo de meu pai. Assim que se meu pai vos castigou com açoites, porém eu os castigarei com escorpiões (...) E o rei respondeu ao povo duramente, porque deixara o conselho que os anciões lhe haviam aconselhado (...) vendo, pois, todo o Israel que o rei não lhe dava ouvidos, tornou-lhe o povo a responder, dizendo: que parte temos nós com Davi? (...) E sucedeu que ouvindo todo o Israel que Jeroboão tinha voltado, enviaram, e o chamaram para a congregação, e o fizeram rei sobre todo o Israel; e ninguém seguiu a casa de Davi, se não a tribo de Judá.<sup>111</sup>

Notemos que quando o escritor se refere a Davi, ele está se referindo a dinastia davídica, a qual Roboão pertencia. De acordo com a citação acima, o confuso príncipe herdeiro Roboão, preferiu mostrar ao povo hebreu que seria autoritário e disciplinador como havia sido o seu pai, o rei Salomão, ao resolver seguir o conselho dado por jovens inexperientes. Roboão pensava em ganhar com o temor que o povo viria a ter dele, no entanto esta atitude custou-lhe a maior parte do reino. O Cisma dividiu e enfraqueceu os hebreus, tornando-os presa fácil para os exércitos estrangeiros.

Neste capítulo procuramos analisar aspectos da estrutura familiar hebraica, perseguindo sempre o objetivo de entendermos a importância de tais aspectos, sem contudo nos preocuparmos em comparar esses costumes com os de outros povos contemporâneos que habitavam na mesma região que os hebreus. Veremos no capítulo seguinte que a

---

<sup>111</sup> I Reis, 12. 1, 3-11,13,16.

maioria dos costumes praticados pelos hebreus, não eram exclusivos desse povo, e sim fruto de influências culturais se outras nações.

### 3 AS SINGULARIDADES, INFLUÊNCIAS E SEMELHANÇAS DOS LAÇOS FAMILIARES HEBRAICOS COM RELAÇÃO AOS POVOS DO ORIENTE PRÓXIMO ANTIGO

Os hebreus não eram um povo que vivia isolado das demais culturas de sua época. Pelo contrário, eles exerceram e sofreram influências de povos vizinhos, fossem eles aliados ou inimigos. Pelo menos três fatores determinaram essa relação de intercâmbio cultural.

Em primeiro lugar vale destacar que esse povo, antes de se constituir uma nação soberana, tivera um passado nômade, pois peregrinavam nas regiões da Mesopotâmia e do Egito, como vemos nesse relato bíblico do livro de Deuteronômio:

Sirio miserável foi meu pai, e desceu ao Egito, e ali peregrinou com pouca gente; porém ali cresceu até vir a ser nação grande, poderosa e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram, e nos afligiram, e sobre nós puseram uma dura servidão. Então chamamos ao SENHOR Deus nossos pais; e o SENHOR ouviu a nossa voz e atentou para nossa miséria, e para nosso trabalho e para a nossa opressão. E o SENHOR nos tirou do Egito com mão forte, com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais e com milagres; e nos trouxe a esse lugar e nos deu esta terra que mana leite e mel.<sup>112</sup>

Sem dúvida, essa peregrinação em terras da Mesopotâmia e do Egito, fizeram com que os hebreus absorvessem muitos aspectos culturais desses dois povos.

---

<sup>112</sup> Deuteronômio, 26. 5-9.

Em segundo lugar, a localização geográfica de Israel, entre o Egito e a Mesopotâmia e cercados pela Síria e pela Fenícia, determinou que a Palestina fosse palco de rotas comerciais, como nos afirma o historiador William Culican:

... Importantes rotas comerciais entre a Fenícia e os territórios transjordânicos, aramaicos e amonitas atravessavam Israel.<sup>113</sup>

Estas rotas, que atravessavam a nação de Israel, foram também responsáveis por um intercâmbio cultural entre os hebreus e diversos povos daquela região.

Por último, podemos afirmar que as influências de costumes exercidas e sofridas pelos hebreus, em relação aos povos vizinhos, se deu pela ocupação hebraica na terra de Canaã, onde ambos os povos chegaram mesmo a conviver e se misturar, como nos relata o historiador Edward Burns Mcnall:

Nos intervalos das guerras, misturavam-se livremente com os cananeus e adotaram não pequena parcela de sua cultura.<sup>114</sup>

Por outro lado, as conquistas sofridas pelos hebreus, também contribuíram para as trocas culturais na região.

Entretanto, não obstante a todos esses meios de influência, os antigos hebreus também possuíam costumes singulares, e isto ocorria principalmente devido ao esforço que os líderes religiosos faziam para manter o povo coeso e unido em volta de um culto monoteísta que priorizava a ética, a moral e a família. No decorrer deste capítulo,

<sup>113</sup> CULICAN, William. O comércio marítimo. Londres, Verbo, 1966. p. 75.

<sup>114</sup> MCNALL, Edward Burns. História da civilização ocidental. p. 113.

procuraremos analisar algumas destas semelhanças e singularidades culturais, no tocante a instituição familiar.

### 3.1 A primogenitura

Vimos no segundo capítulo, que os hebreus davam grande importância ao filho mais velho que, exceto na sucessão real, recebiam a maior parte da herança e sucediam o pai no cotidiano da família. Este costume, entretanto, não era original dos hebreus, pois os povos mesopotâmios já os praticavam.

O historiador José Rufino dos Santos (et.al), afirma que embora o código de Hamurábi consagrasse a divisão dos bens em partes iguais para todos os filhos, inclusive os filhos das concubinas e as filhas, esta regra não era sempre observada no antigo império babilônico, aonde, segundo os mesmos autores, frequentemente havia acordos entre os herdeiros, que davam uma parte maior e de melhor qualidade ao filho mais velho. Os outros filhos, em geral, vendiam-no imediatamente suas partes da herança.<sup>115</sup>

Ainda segundo esses mesmos historiadores, no império assírio o filho mais velho recebia dois terços da herança. O restante da mesma era distribuído em partes iguais entre os demais irmãos, qualquer que fosse o seu número.

De acordo com a idéia de Rufino, este costume gerava um número cada vez maior de elementos empobrecidos que afastavam-se da comunidade e procuravam ganhar a sua vida por outros meios como o exército.<sup>116</sup> Fica-nos claro então, que o direito da

---

<sup>115</sup> RUFINO, Joel dos Santos (et.al). História do mundo: sociedade primitiva e o oriente. São Paulo: Fulgor, 1965. p. 149. v.7.

<sup>116</sup> Idem. p. 260.

primogenitura entre os hebreus, adveio de influências mesopotâmicas. O povo hebraico, entretanto, adaptou esse costume às suas necessidades sociais e religiosas, como já vimos.

### 3.2 A família patriarcal

Diferentemente dos egípcios, aonde a mulher gozava de uma situação excelente para a época, e a sociedade, segundo Burns, era praticamente matriarcal.<sup>117</sup> A família hebraica era patriarcal. Essa forma de organização militar também seguia o modelo da família mesopotâmica.

A mulher era menos privilegiada que o homem, e transgressões como o adultério, por exemplo, eram punidos mais severamente na esposa adúltera do que no marido infiel. O divórcio pedido pela mulher era difícil, e a mulher devia se resignar com a entrada na casa de uma segunda mulher ou de uma concubina.<sup>118</sup>

Notemos aqui os inúmeros pontos de semelhança entre os mesopotâmicos e os hebreus no que tange a instituição familiar patriarcal, aonde a mulher possuía menos direitos que os homens, e era permitido que os mesmos praticassem a poligamia e o divórcio.

Essas semelhanças advêm do fato de os hebreus terem sua origem entre os povos mesopotâmicos, e ainda a proximidade geográfica entre eles. Nem mesmo a permanência hebraica durante muito tempo no Egito, onde o patriarcalismo era bem mais brando conseguiu mudar estes costumes.

---

<sup>117</sup> MCNALL, Edward Burns. História da civilização ocidental. pp 69-70.

<sup>118</sup> RUFINO, Joel dos Santos (et.al). História do mundo: sociedade primitiva e o oriente. p. 149.

### 3.3 Casamentos ilícitos para os hebreus

Segundo o historiador Burns, era comum entre a realeza egípcia o casamento entre pessoas da mesma família. O soberano como filho do deus Sol, tinha que desposar uma irmã ou qualquer outra mulher de sua parentela próxima, afim de que o sangue divino não se contaminasse.

Burns afirma ainda que o restante da população comumente seguia hábito idêntico.<sup>119</sup> O historiador Mella, afirma que o matrimônio entre irmãos, nas famílias reais, era considerado um recurso para preservar a pureza do sangue e a concentração do poder político, e para o povo essa prática era importante para consolidar ainda mais os afetos familiares.<sup>120</sup>

Ao que parece, entre os povos da Mesopotâmia havia o costume de casar com a irmã, como vemos nesse relato bíblico do livro de Gênesis:

E, na verdade, é ela também minha irmã, filha de meu pai e não filha de minha mãe, e veio a ser minha mulher.<sup>121</sup>

Segundo o contexto do livro de Gênesis, o patriarca dos hebreus, Abraão, a quem este relato se refere, era um homem mesopotâmico originário da cidade de Ur, na Caldéia, e, que segundo a tradição religiosa, recebeu a chamada divina para ir rumo a Palestina.

Desta maneira, entendemos que era comum entre os povos mesopotâmicos o casamento entre irmãos, haja vista que esse patriarca havia se casado com sua irmã, estando

<sup>119</sup> MCNALL, Edward Burns. História da civilização ocidental. p. 70.

<sup>120</sup> ARBORIO, A. Frederico Mella. O Egito dos faraós: história, civilização, cultura. São Paulo, Hemus, 1994. p. 84.

<sup>121</sup> Gênesis, 20. 12.

ainda naquela região. Entretanto, os hebreus diferenciavam-se destes povos, no tocante ao casamento com parentes próximos. Em Israel estes tipos de casamento vieram a ser proibidos pelas leis de cunho teocrático, logo após os israelitas terem saído do Egito, como nas mostra o livro bíblico de Levítico:

Falou mais o SENHOR a Moisés dizendo: fala aos filhos de Israel e dize-lhes: eu sou o SENHOR, vosso Deus. Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos (...) A nudez de tua irmã, filha de teu pai ou filha de tua mãe, nascida em casa ou fora de casa, a sua nudez não descobrirás. A nudez da filha de teu filho ou da filha da tua filha não descobrirás, porque é tua nudez. A nudez da irmã de teu pai não descobrirás, ela é parenta de teu pai. A nudez da irmã de tua mãe não descobrirás, pois ela é parenta de tua mãe.<sup>122</sup>

Notemos que era terminantemente proibido para os hebreus sequer ver a nudez de suas irmãs, netas ou tias, sendo conseqüentemente inaceitável que viesse a ocorrer um matrimônio entre estes tipos de parentes. Não sabemos ao certo o porquê destas proibições, e este costume parece-nos ainda mais estranho quando nos lembramos que os povos mesopotâmicos e os egípcios, entre os quais os hebreus tinham passado durante muito tempo em suas regiões, praticavam casamentos entre parentes muito próximos. Talvez houvesse alguma consciência a respeito das doenças degenerativas que os filhos de um casal de irmãos, por exemplo, podiam adquirir. Ou talvez ainda esta determinação fosse puramente moral, e tivesse a intenção de evitar abusos sexuais, dentro do seio familiar, daí

---

<sup>122</sup> Levítico, 18. 1-3, 9, 10,12, 13.

a proibição de ver a nudez de uma parenta próxima, para que não houvesse o desejo em praticar tal abuso.

Parece-nos também razoável a hipótese de John Davis, ao afirmar que tal prática tinha o intuito de diminuir a poligamia.<sup>123</sup>

De qualquer maneira, podemos dizer que esse costume hebraico de não haver união matrimonial entre parentes próximos, só veio a desenvolver-se quando este povo gozou de uma soberania nacional e de um território próprio e mantivesse este costume em sua história.

#### 3.4 Os escravos na família hebraica

Como já vimos no primeiro capítulo, os escravos, especialmente entre os hebreus, eram indivíduos considerados como membros da própria família, tendo direito a alforria em ocasiões específicas e descanso semanal.

Além disso, como já vimos, as escravas tomadas para serem esposas de seus senhores ou do filho destes, passavam a ter os mesmos direitos matrimoniais do que as esposas livres, podendo inclusive receber gratuitamente a sua alforria caso o marido não cumprisse com os seus deveres. O mesmo se dava com as prisioneiras de guerra, como vemos nesse trecho do livro Deuteronômio:

Quando saíres à peleja contra os teus inimigos, e o SENHOR, teu Deus os entregar nas tuas mãos, e tu deles lewares prisioneiros, e tu entre os presos, vires uma mulher formosa à vista, e a cobiçares, e a quiseres tomar por mulher, então, a tomarás para a tua casa, e ela rapará a cabeça, e cortará as suas

---

<sup>123</sup> DAVIS, John. Dicionário da bíblia. p. 98.

unhas, e despirá as vestes do seu cativo, e assentará na tua casa, e chorará a seu pai e a sua mãe um mês inteiro; e, depois, entrarás a ela, e tu serás seu marido, e ela, tua mulher. E será que, se te não contentares dela, a deixarás ir a sua vontade; mas de sorte nenhuma, a venderás por dinheiro, nem com ela mercadejarás, pois a tens humilhado.<sup>124</sup>

Os escravos poderiam ainda casar-se:

No caso de ter casado após a compra e a mulher ter dado a luz a filhos e filhas, tanto a mulher como os filhos pertencerão ao senhor e o escravo sairá sozinho.<sup>125</sup>

Podia haver casos de o escravo se sentir tão enraizado na família do senhor que preferia renunciar à alforria a que tinha direito:

No entanto, se o escravo declarar que não quer abandonar o seu patrão, sua mulher e seus filhos o caso irá aos juízes e posteriormente o senhor furará a orelha do escravo para que fique identificado como seu servidor eterno.<sup>126</sup>

Repare que as leis hebraicas protegiam os escravos e lhes garantiam um mínimo de dignidade, isso certamente pode ter advindo da lembrança do povo hebreu de que, no Egito, haviam sido tratados como escravos e de como haviam sofrido com isso.

Com relação aos egípcios, os escravos eram duramente tratados, como nos afirma Burns:

---

<sup>124</sup> Deuteronômio, 21. 10-14.

<sup>125</sup> PINSK, Jaime. Cem textos de história antiga. 2ªed. São Paulo: Global, 1980. p. 10.

<sup>126</sup> Idem. p. 10.

Nesse período [Novo Império] foram também capturados milhares de escravos, e estes, durante certo tempo, foram uma sétima classe. Desprezados tanto pelos homens livres como pelos servos, eram forçados a trabalhar nas pedreiras do governo e nas terras pertencentes aos templos.<sup>127</sup>

De acordo com o historiador Ciro Flamarion Cardoso, os escravos rurais e dos templos viviam encerrados em estabelecimentos de trabalho. Afirma ele que os escravos eram com frequência marcados a ferro em brasa.<sup>128</sup>

Embora os escravos no Egito, especialmente os domésticos, tivessem alguns direitos, como o casamento ou a aquisição de propriedades, por exemplo, eles não gozavam da mesma dignidade que os escravos hebraicos possuíam, e, apenas posteriormente, ao corte temporal deste trabalho, pode se falar em alforria formal.<sup>129</sup>

Outra diferença que identificamos entre os hebreus e os egípcios, é que os primeiros protegiam os escravos nacionais, enquanto que os segundos pareciam não se preocupar com isso: “por outro lado, os egípcios que cometessem crimes graves, em particular contra o Estado, podiam sofrer mutilações, tornando-se então escravos hereditários”.<sup>130</sup>

Notemos que essa afirmação dada por Cardoso, contrasta gravemente, com o texto bíblico usado por Jaime Pinsk para descrever a escravidão no meio do povo hebreu:

O escravo poderá alcançar sua liberdade, caso o patrão, castigando-o, inutilize seu olho ou lhe arranque um dente. Se empobrecido, teu irmão tentar se vender a ti, não o faças servir como escravo. Terá as funções de jornaleiro e peregrino, servindo o irmão mais rico até o ano do Jubileu. Então juntamente com a mulher e os filhos, abandonará a casa de seu irmão e abandonará a casa do

<sup>127</sup> MCNALL, Edward Burns. História da civilização ocidental. p. 68.

<sup>128</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Trabalho compulsório na antiguidade. 2ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 27.

<sup>129</sup> Idem. p.28.

<sup>130</sup> Idem. p. 27.

irmão e voltará à propriedade de seus pais. Porque meus servos que tirei do Egito não serão vendidos como escravos. Não deverão ser tratados com tirania. Teme porém ao teu Deus. Os escravos e escravas provirão das outras nações ou serão comprados dos filhos dos forasteiros que peregrinam em sua terra. Eles passarão como herança para teus filhos, servindo tua família perpetuamente. Mas sobre os filhos de Israel não deves pensar a escravidão.<sup>131</sup>

Na verdade a escravidão de um hebreu só poderia durar seis anos, amenos, como já foi dito, que ele não quisesse deixar a casa de seu patrão. A cada sete anos os hebreus comemoravam o ano do Jubileu, em que as dívidas eram perdoadas e os escravos hebreus eram libertos.

Os escravos mesopotâmicos também eram tratados de forma diferente em relação aos escravos hebreus. Sendo em algumas regiões praticada a mutilação, como afirma Cardoso:

Note-se que alguns documentos parecem indicar que nas cidades sumérias, antes do império de Akkad, uma forma de limitar o perigo representado pelos escravos homens foi a prática de cegá-los, sem que isso impedisse o seu uso em trabalhos de obrigação.<sup>132</sup>

Até mesmo as escravas concubinas, que pelo código de Hamurábi possuíam algum direito, muitas vezes se sentiam oprimidas e desprezadas, como nos mostra o texto de uma carta escrita em tablete de argila encontrada na Babilônia:

---

<sup>131</sup> PINSK, Jaime. Cem textos de história antiga. p. 11.

<sup>132</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Trabalho compulsório na antiguidade. p.29.

Dize ao meu Senhor: tua escrava Babitum envia a seguinte mensagem: o que eu te disse agora me aconteceu: durante sete meses esta criança esteve no meu corpo, mas há um mês a criança morreu e ninguém quer cuidar de mim. Queira meu senhor fazer algo para que eu não morra. Vens visitar-me e deixa-me ver a face de meu senhor! (...) Por que não chegou nenhum presente para mim? E se devo morrer, deixa-me morrer depois de ter visto de novo a face de meu senhor!<sup>133</sup>

Isso sem falarmos nos assírios, que tratavam duramente seus escravos e, em particular, os prisioneiros de guerra, como nos confirma Burns:

Infligiam aos soldados capturados, e, às vezes, também aos não combatentes, crueldades indescritíveis, como o esfolamento em vida, o empalamento, a amputação das orelhas, narizes e órgãos sexuais e, depois exibiam em gaiolas as vítimas mutiladas, para servir de advertência as cidades que ainda não se tinham rendido.<sup>134</sup>

Podemos então afirmar que os hebreus não absorveram as práticas egípcias e mesopotâmicas em relação ao tratamento dos escravos, fossem eles nativos ou estrangeiros. A proteção do escravo hebreu, sendo facilitada a sua alforria, pode ser explicada pela necessidade de coesão da nação hebraica para sobreviver em uma região infestada de inimigos, pois o aumento da escravidão, de hebreus sobre hebreus, causaria perturbações sociais que enfraqueceriam ainda mais este povo e o impossibilitaria de se proteger militarmente das invasões estrangeiras.

---

<sup>133</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Trabalho compulsório na antiguidade. p. 97.

<sup>134</sup> MCNALL, Edward Burns. História da civilização ocidental. p. 87.

Outro fator que certamente influenciava no tratamento mais brando dispensado aos escravos nacionais ou estrangeiros era a religião monoteísta, que tinha um caráter moral e que protegia os menos favorecidos, como viúvas, órfãos, escravos e estrangeiros.

Além disso, como já falamos, o fato de os hebreus terem sido tratados como escravos, quando estavam no Egito, também pode ter influenciado sua maneira de tratar os servos.

Entretanto, com o passar do tempo, esse costume começou a se enfraquecer entre os hebreus, que passaram a não querer mais libertar seus compatriotas que haviam sido reduzidos à escravidão.

O afrouxamento desse costume se deu na época da monarquia, e o último rei de Judá, Zedequias, muito provavelmente influenciado pelos profetas e sacerdotes, tentou restaurar esse costume, mas apesar de alguns resultados imediatos, a antiga prática de alforriar os escravos hebreus não foi restaurada, o que gerou sérias advertências por parte do profeta Jeremias:

Palavra do SENHOR que veio a Jeremias, depois que o rei Zedequias fez concerto com todo o povo que havia em Jerusalém, para lhes apregoar a liberdade: que cada um despedisse forro o seu servo e cada um, a sua serva, hebreu ou hebréia, de maneira que ninguém se fizesse servir deles, sendo judeus, seus irmãos. E ouviram todos os príncipes e todo o povo que entrou em concerto que cada um despedisse forro seu servo e cada um, a sua serva. De maneira que não se fizessem servir deles; ouviram pois e o soltaram. Mas depois se arrependeram, e fizeram voltar os servos e as servas que tinham libertado, e o sujeitaram por servos e por serva (...) Portanto, assim diz o SENHOR: vós não me ouvistes a mim, para apregoardes a liberdade cada um ao seu irmão e cada um ao seu próximo; pois eis que eu vos apregoo a liberdade, diz o SENHOR, para a espada, para a pestilência e para a

fome; e dar-vos-ei por espanto a todos os reinos da terra (...) E até o rei Zedequias, rei de Judá e seus príncipes entregarei nas mãos de seus inimigos e nas mãos do que procuram a sua morte, e nas mãos do exército do rei da Babilônia, que já se retirou de vós...<sup>135</sup>

Notemos que esse episódio aconteceu quando era eminente a invasão babilônica, ou seja, num período em que os hebreus necessitavam, mais do que nunca, manter uma forte coesão. Todavia, esta não foi conseguida devido à ambição de alguns. Poucos anos depois a nação era invadida e sua população exilada na Babilônia.

### 3.5 A circuncisão

Modernamente, a circuncisão tem sido praticada geralmente, por motivos de higiene. E de acordo com Tenney, Packer e White Jr., algumas tribos primitivas executavam o rito em infantes ou rapazinhos, enquanto outras esperavam até que os meninos chegassem à puberdade. Ainda segundo esses autores, esta prática era comum no Oriente Próximo nos tempos bíblicos.<sup>136</sup>

A circuncisão também era praticada no Egito, hoje sabe-se disso devido a um relevo encontrado em Sacará que retrata o ritual de circuncisão em um menino egípcio.<sup>137</sup>

Entretanto, foi entre os hebreus que essa prática foi mais difundida, pois se revestia de um caráter religioso, como nos mostra essa passagem do livro bíblico de Gênesis:

<sup>135</sup> Jeremias, 34. 8-11, 17, 21.

<sup>136</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. p. 70.

<sup>137</sup> Idem, p. 84.

Disse mais Deus a Abraão: tu, porém, guardarás o meu concerto, tu e a tua semente depois de ti, nas suas gerações. Este é o meu concerto, que guardareis entre mim e vos e a tua semente depois de ti: que todo macho será circuncidado. E circundarei a carne de vosso prepúcio; e isto será por sinal do concerto entre mim e vós.<sup>138</sup>

Além de se revestir de uma religiosidade ímpar a circuncisão entre os hebreus, tinha a peculiaridade, de acontecer, geralmente, quando a criança tinha apenas oito dias de vida:

O filho de oito dias será circuncidado; todo macho nas vossas gerações, o nascido na casa e o comprado por dinheiro; e estará o meu concerto na vossa carne por concerto perpétuo.<sup>139</sup>

De acordo com Tenney, Packer e White Jr., a circuncisão significava que o menino era admitido na comunidade do pacto. E segundo os mesmos autores, estudos recentes têm confirmado que o tempo mais seguro para executar a circuncisão é no oitavo dia de vida, pois a vitamina K que causa a coagulação do sangue, não é produzida em doses suficiente até o sétimo dia. No oitavo dia o organismo contém 10% mais de protrombina do que o normal; a protrombina também é importante na coagulação do sangue.<sup>140</sup>

Não sabemos se os hebreus tinham alguma consciência de que o nível de mortalidade era menor, entre os recém nascidos quando eles eram circuncidados aos oito dias de vida.

Fica-nos claro, porém, que a circuncisão não é original do povo hebreu, com certeza este costume foi absorvido por esse povo, através de várias formas de contato, como vimos

<sup>138</sup> Gênesis, 17. 9-11.

<sup>139</sup> Idem, 17. 12.

<sup>140</sup> TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. pp 70-71.

no início deste capítulo, que eles tiveram com povos vizinhos. O que os hebreus fizeram foi revestir este costume de uma forte religiosidade típica deste povo. Assim a circuncisão passava a ser o símbolo da aliança do povo com o seu Deus.

## CONCLUSÃO

A sociedade hebraica antiga, no período que vai de 1.200 a.C a 587 a.C., estava fundamentada na união familiar e nas leis teocráticas que a regiam. A história política hebréia, neste período, se divide em juizado e monarquia. No primeiro regime de governo o Estado de Israel se dividia em doze tribos independentes, mas unidas pelos costumes, cultura e religião. Essa descentralização favoreceu as invasões de povos estrangeiros, que geralmente, eram mais organizados e numerosos. Nestes períodos de crises foi fundamental a presença dos juizes, que procuravam unir as tribos, sob a bandeira da fé, para expulsar os invasores. Entretanto, as constantes ameaças externas e perturbações civis, fizeram com que os hebreus adotassem a monarquia como forma de governo.

Saul, que fora aclamado como o primeiro rei legal de Israel, embora tenha conseguido algumas vitórias iniciais, falhou por não ter conseguido derrotar os filisteus, sendo derrotado e morto por estes em batalha. O segundo monarca de Israel foi Davi, que livrou a nação dos filisteus e venceu vários outros povos, abrindo caminho para que a sua nação alcançasse a prosperidade. Essa veio no reinado de Salomão, que soube aproveitar o ambiente externo favorável e fez vários acordos diplomáticos e comerciais.

Entretanto, o seu filho Roboão não teve a habilidade de manter o reino coeso, vindo este a se fragmentar, facilitando a decadência dos hebreus. Em 722 a.C., o reino do norte foi conquistado pelos assírios, e em 587 a.C., o reino do sul foi invadido pelos babilônios e as cidades foram derrubadas e incendiadas, sendo sus populações levadas em cativeiro.

Socialmente, as famílias gozavam de importante prestígio sendo valorizada e defendida pela religião. Cabia a tribo de Levi fornecer obreiros religiosos, como: cantores, tocadores, serviçais do templo e sacerdotes. Estes últimos gozavam de benefícios especiais

como dízimos anuais e rendas extras. Embora os hebreus tivessem escravos, estes eram tratados de forma humana e poderiam ganhar sua liberdade. Se o escravo fosse hebreu, ele deveria ser alforriado no ano do Jubileu, que era comemorado a cada sete anos. Havia também a proibição de oprimir os estrangeiros.

Do ponto de vista econômico, os hebreus foram basicamente povos pastores e agricultores, tendo o comércio sido desenvolvido principalmente no período da monarquia.

O Direito hebraico tinha um caráter civil, moral e religioso. O mesmo fora bastante influenciado pela forte religiosidade presente no povo hebreu, além de também ter sofrido influências externas. Eram aplicadas penas tais como: prisão, açoites, restituição e indenização. Cabia aos juízes darem o veredito final, que poderia ser a pena de morte.

A religião hebraica consistia em um culto monoteísta, que influenciava todas as áreas da vida dos hebreus. O sacrifício consistia em imolação de animais diante de um simples altar. Eram também comemoradas festas nacionais, que tinham caráter religioso, como a Páscoa, por exemplo.

Pode se dizer que a família era o núcleo da sociedade hebraica, a base de sustentação e a força motriz para um povo que necessitava estar sempre unido para vencer as hostilidades que lhes eram freqüentes. Talvez por isso, os hebreus tenham dado tanta importância à instituição familiar. Certo é que, todos os aspectos da vida desse povo girava em torno da instituição familiar.

Havia em Israel um grande desejo em ter muitos filhos, e isso se dava por vários motivos. Em primeiro lugar, pela necessidade de aumentar o exército hebreu, haja vista que esse povo era constantemente alvo de hostilidades externas de nações mais fortes que eles; também, o benefício econômico advindo do fato da família ser numerosa, na medida em que a produção aumentasse com o aumento da mão-de-obra; o fato de ter muitos filhos

tinha também uma conotação religiosa. Os hebreus acreditavam que tendo muitos filhos estavam honrando a Deus, e, desprezando-o, caso não os tivesse; e por fim, o desejo em ter muitos filhos advinha do desejo de preservar a memória dos pais.

Embora houvesse o desejo em ter muitos filhos, a herança entre os hebreus não tinha uma divisão igualitária, pois o filho mais velho ficava com a maior parte da herança. Isso se dava pelo motivo de ser da responsabilidade do filho mais velho dar continuidade ao caminho trilhado pelo pai da família, tendo o cuidado de garantir o prestígio econômico-social de sua família, e dar continuidade ao culto monoteísta no seio familiar. Além do caráter econômico, a herança possuía também um aspecto sagrado e sentimental.

Em relação aos casamentos, era expressamente condenada a união matrimonial de hebreus com pessoas de outras nações. Tal condenação existia pelo receio de que esses matrimônios mistos viessem contaminar os costumes hebraicos, o que para os líderes religiosos enfraqueceria os hebreus, levando-os a ruína.

Se os casamentos mistos eram condenados, o casamento de jovens hebreus com conjugues de dentro do seu povo, eram incentivados. Os jovens se casavam, geralmente ainda muito novos. Era costume em Israel que o moço pagasse um dote ao pai da moça desejada, para que este desse sua filha em casamento. Algumas vezes, porém, o pai da jovem lhe dava valiosos presentes após essa se casar. Com o casamento consumado, o marido detinha a autoridade sobre o lar, sendo responsável em proteger e suprir as necessidades da família. Cabia a mulher as responsabilidades domésticas e ajudar o marido na educação dos filhos.

O homem poderia eventualmente ter outras esposas, todavia, ele deveria ter plenas condições de sustentá-las, e não deveria desprezar nenhuma delas.

Se a poligamia era tolerada, o adultério era punido com a morte, pois era considerado como uma afronta à instituição familiar, e a dignidade moral do conjugue traído.

Por sua vez, o divórcio era tolerado entre os hebreus, como forma de diminuir tensões sociais.

Na sociedade hebraica, procurava-se proteger as viúvas contra a opressão e a miséria que elas viessem a sofrer. Segundo alguns autores, a situação da viúvas pobres era lastimável, sendo que muitas delas viviam de favores. Elas poderiam ser alvo fácil de credores ou outros aproveitadores, por isso as leis religiosas procuravam defender as viúvas.

Os anciões, por sua vez, gozavam de prestígio e respeito, sendo vistos como fontes de sabedoria e conhecimento.

Vários costumes familiares praticados pelos hebreus, foram frutos de influências sofridas pelos mesmos no contato com outras nações. O direito da primogenitura, por exemplo, já era praticado pelos povos mesopotâmicos, especialmente pelos babilônios e assírios, antes de Israel vir a ser uma nação. O que o povo de Israel fez foi adaptar esse costume às suas necessidades sociais e religiosas.

Outra influência dos povos mesopotâmicos sobre os hebreus, foi a família de caráter patriarcal, aonde o chefe da família possuía poderes absolutos sobre os demais membros desta instituição.

Com relação a circuncisão, pode-se dizer que ela era bastante utilizada no meio do povo hebreu, sendo inclusive considerada como ritual sagrado, haja vista que esse ritual representava o pacto da nação hebraica com o seu Deus. Entretanto, alguns autores afirmam que essa prática era comum no Oriente Próximo e no Egito. Não sendo assim originário do

povo hebreu. O que estes fizeram, foi revestir este costume de uma alta religiosidade, fazendo com que essa prática representasse a aliança entre Deus e o povo.

Assim, como os demais povos da Antiguidade, os hebreus praticavam a escravidão, todavia, estes possuíam leis que os protegiam, pelo menos em teoria, dos excessos praticados por seus senhores. Os benefícios eram ainda maiores se o escravo fosse de origem hebréia. Este tinha o direito de ser alforriado gratuitamente, quando chegasse a festa religiosa do Jubileu, comemorada a cada sete anos. Esta prática parece ter sido ímpar na região.

Os hebreus também se diferenciavam dos povos circunvizinhos no tocante aos casamentos entre parentes muito próximos. Ao contrário dos mesopotâmicos e dos egípcios, em Israel, por razões que não conhecemos bem ao certo, era proibido o casamento entre irmãos ou parentes muito próximos.

Desta maneira, podemos dizer, que embora houvesse singularidades nos costumes familiares hebraicos, a maioria destes eram fruto de influências exercidas por nações estrangeiras sobre os hebreus. Essas influências se davam por vários meios, como: imigração dos hebreus para outras nações, relações comerciais, alianças e ocupações militares.

Temos a consciência que esta pesquisa não está totalmente acabada ou fechada para novas informações ou idéias, haja vista a dificuldade que encontramos para desenvolver o tema dos "laços familiares na sociedade hebraica antiga". As dificuldades se deram pela escassez de trabalhos históricos que tratassem do assunto. Aceitamos assim o desafio, todavia, muitas perguntas ainda ficaram sem respostas, e muitas idéias carecem de referências teóricas. Em alguns momentos, tínhamos a impressão de estar trilhando por caminhos nunca antes percorridos. Por isso, somos conscientes da limitação desta pesquisa.

Contudo, esperamos despertar a curiosidade de outros que venham a desenvolver análise crítica sobre esta obra, trazendo novas informações e idéias que possam enriquecer o conhecimento histórico.

**BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Claudionor de. **Geografia bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

ARBORIO, A. Frederico Mella. **O Egito dos faraós: história, civilização, cultura**. São Paulo: Hemus, 1994.

BIBLIA SAGRADA. **Bíblia**. Antigo testamento. Flórida: CPAD, 1995.

BOYARIN, Daniel. **Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. 5ªed. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Trabalho compulsório na antiguidade**. 2ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CULICAN, William. **O comércio marítimo**. Londres: Verbo, 1966.

DAVIS, John. **Dicionário da bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1977.

DURANT, Will. **A história da civilização: nossa herança oriental**. 3ªed. Rio de Janeiro: Record, 1963.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da antiguidade oriental**. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KNOBEL, Maurício. **Orientação familiar**. 2ªed. Campinas: Papyrus, 1996.

MCNALL, Edward Burns. **História da civilização ocidental**. 23ª ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

MEZZOMO, João C. **A família: conflitos e perspectivas**. Curitiba: Grafipar, 1970. v. 3.

PINSK, Jaime. **Cem textos de história antiga**. 23ªed. Porto Alegre: Globo, 1979.

RUFINO, Joel dos Santos (et.al). **História do mundo: sociedade primitiva e o oriente**. São Paulo: Fulgor, 1965. v.7.

SANTIAGO, Sérgio. **A questão judaica: interpretação histórica e bíblica do destino social do povo judeu**. Natal: [s.n.], 1968.

TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I. ; WHITE Jr., William . **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. São Paulo: Vida, 2000.